



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – CAMPUS CENTRAL/UERN

MARIA NOELISDÂNIA DO NASCIMENTO MELO

**O PROPÓSITO COMUNICATIVO DOS GÊNEROS TEXTUAIS A PARTIR DA
LITERATURA INFANTO-JUVENIL: A PROPOSTA DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA
PARA O QUINTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

MOSSORÓ

2021

MARIA NOELISDÂNIA DO NASCIMENTO MELO

**O PROPÓSITO COMUNICATIVO DOS GÊNEROS TEXTUAIS A PARTIR DA
LITERATURA INFANTO-JUVENIL: A PROPOSTA DE UMA SEQUÊNCIA
DIDÁTICA PARA O QUINTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada à Banca do Curso de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Campus Central de Mossoró, como pré-requisito obtenção do título de mestre.

Orientador: Dr. Antônio Felipe Aragão dos Santos

MOSSORÓ

2021

Ficha catalográfica

MARIA NOELISDÂNIA DO NASCIMENTO MELO

**O PROPÓSITO COMUNICATIVO DOS GÊNEROS TEXTUAIS A PARTIR DA
LITERATURA INFANTO-JUVENIL: A PROPOSTA DE UMA SEQUÊNCIA
DIDÁTICA PARA O QUINTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Felipe Aragão dos Santos.

Aprovada em: ____/____/____

Prof. Dr. Antônio Felipe Aragão dos Santos. (Orientador)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Prof. Dr. Hamilton Perninck Vieira
Universidade Estadual do Ceará- UECE

Profa.Dr. Gilson Chicon Alves
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela dádiva da vida.

Ao meu filho, sobrinhos, pais e familiares pela dedicação, compreensão nos momentos de ausência.

Aos mestres e colegas do PROFLETRAS, pela troca de experiências e paciência.

Aos verdadeiros amigos que, me incentivaram a não desistir e, principalmente em memória à Maria Zuleide e Raimundo André.

*Não há nada como o sonho para criar o futuro. Utopia
hoje, carne e osso amanhã.
(Victor Hugo)*

RESUMO

Esta pesquisa buscou analisar a contribuição do texto literário, para o estudo do propósito comunicativo em gêneros textuais. Descritor muito cobrado na Avaliação de Desempenho Acadêmico, avaliação externa esta que, acontece em larga escala, para avaliar as competências e habilidades dos alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, em Língua Portuguesa e Matemática. Diante disso, o problema que moveu esta investigação foi: como desenvolver a compreensão e a identificação do propósito comunicativo em gêneros textuais nos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental? Decorrente dele, o objetivo geral foi, estimular a formação do hábito da leitura facilitando o conhecimento e a identificação do propósito comunicativo. Os objetivos específicos foram, desenvolver um leitor crítico e autônomo, capaz de imaginar, expressar as emoções e sentimentos, de forma significativa; conhecer todos os textos (orais e escritos) que, circulam socialmente e a intenção na comunicação e interação verbal entre os indivíduos. Foi realizado um levantamento bibliográfico sobre as pesquisas no gênero textual, como objeto de ensino de Língua Portuguesa, identificando os fatores textuais que se relacionassem com o propósito comunicativo de um gênero textual. Do ponto de vista metodológico, propusemos uma sequência textual, tomando como material didático o livro Felpe Filva. O fundamento teórico do nosso estudo, explora o valor e a importância da Literatura, notadamente a literatura infantil, a partir de Fischer (2006), Cadermatori (2014), Moisés (2014), Ziberman (2004), Sodré (1976), Soares (2001) e Coelho (1991); utilizamo-nos também dos estudos sobre gêneros discursivos da linguagem em Bakhtin (2000), Bronckart (1999) e Soares (2007). No que diz respeito   análise do propósito comunicativo, baseamo-nos em Marcuschi (2008), Bathia (1993) e Swales (1990). Adotamos a abordagem qualitativa de pesquisa, numa proposta apresentada por Gerhardt; Silveira (2009). A apresenta o da sequência didática analisada, tomou como escopo teórico, Amaral (2019) e Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004), aplicada a compreensão do propósito comunicativo dos gêneros textuais, a partir do livro Felpe Filva de Eva Furnari. Criou-se estratégias para consolida o do propósito comunicativo, como o jogo de cartas, a trinca dos gêneros textuais e dois jogos da memória interativo, na plataforma Wordwall, como também, um de compreensão textual, e um outro, para analisar cada gênero textual do livro e seu propósito comunicativo. Pressupõe-se que, esta proposta de sequência didática, será muito positiva para o uso da literatura infanto-juvenil na sala do 5º ano do ensino fundamental e tornar-se-  adequada para o estudo dos gêneros textuais e seu propósito comunicativo. Através desta pesquisa, notamos que,   possível melhorar o nível de leitura, de compreensão, de interpreta o, e conseqüentemente, da produ o dos alunos a partir do texto literário, assim como, poderemos avaliar melhor a opinião do aluno, antes de rejeitar ou rotular como incorreta, por não apresentar a resposta esperada pelo manual do professor.

Palavras-Chave: Literatura Infanto-juvenil. Linguagem. Gêneros textuais discursivos. Comunica o. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This research sought to analyze the contribution of the literary text to the study of communicative purpose in textual genres. A highly charged descriptor in the Academic Performance Assessment, a large-scale external assessment that assesses the skills and abilities of elementary and high school students in Portuguese and Mathematics. Therefore, the problem that moved this investigation was: how to develop the understanding and identification of the communicative purpose in textual genres in students of the 5th year of Elementary School? As a result of it, the general objective was to stimulate the formation of the reading habit, facilitating the knowledge and identification of the communicative purpose. The specific objectives were to develop a critical and autonomous reader capable of imagining, expressing emotions and feelings, in a meaningful way; to know all the texts (oral and written) that circulate socially and the intention in the communication and verbal interaction between the individuals; A bibliographic survey was carried out on research in the textual genre as an object of teaching Portuguese, identifying the textual factors that were related to the communicative purpose of a textual genre. From a methodological point of view, we proposed a textual sequence taking as teaching material the book *Felpe Filva*. The theoretical basis of our study explores the value and importance of Literature, notably children's literature, from Fischer (2006), Cadermatori (2014), Moisés (2014), Ziberman (2004), Sodré (1976), Soares (2001) and Coelho (1991); we also make use of studies on discursive genres of language in Bakhtin (2000), Bronckart (1999) and Soares (2007). With regard to the analysis of communicative purpose, we rely on Marcuschi (2008), Bathia (1993) and Swales (1990). We adopted a qualitative research approach, in a proposal presented by Gerhardt; Silveira (2009). The presentation of the analyzed didactic sequence took as theoretical scope Amaral (2019) and Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004), applied the understanding of the communicative purpose of textual genres from the book *Felpe Filva* by Eva Furnari. Strategies were created to consolidate the communicative purpose, such as the three-card game of textual genres and two interactive memory games on the Wordwall platform, as well as one for textual comprehension, and another analyzing each textual genre of the book and its communicative purpose. The use of children's literature in the classroom of the 5th year of elementary school is positive and the study of textual genres and their communicative purpose from a didactic sequence is pleasant. The research results indicate that it is possible to improve the level of reading, understanding, interpretation, and consequently, the students' production from the literary text, as well as better evaluating the student's opinion, before rejecting or taxing it as incorrect by not present the answer expected by the teacher's manual.

Keywords: Children's Literature. Language. Discursive textual genres. Communication. Elementary School..

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO ENSINO FUNDAMENTAL....	14
2.1 O que é Literatura?.....	14
2.2 Histórico da Literatura no mundo e no Brasil.....	16
2.3 a importância da Literatura.....	23
2.4 O que é a Literatura Infanto-Juvenil.....	26
2.5 O valor da Literatura Infanto-Juvenil e suas funções.....	29
3 GÊNEROS TEXTUAIS LITERÁRIOS.....	35
3.1 Gênero Lírico.....	36
3.2 Gênero Dramático.....	37
3.3 Gênero Narrativo.....	38
4 PROPÓSITO COMUNICATIVO EM GÊNEROS TEXTUAIS.....	44
5 METODOLOGIA.....	49
5.1 Abordagem da pesquisa e tipo de estudo.....	49
5.2 Lócus, sujeitos e cuidados éticos com a pesquisa.....	50
5.3 Procedimentos de coleta e análise de dados.....	50
6 DESENVOLVIMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	52
6.1 Primeira semana.....	52
6.2 Segunda semana.....	56
6.3 Terceira semana.....	57
6.4 Quarta semana.....	60
6.5 Quinta semana.....	61
6.6 Sexta semana.....	62
6.7 Sétima semana.....	64
6.8 Oitava semana.....	67
6.9 Nona semana.....	69
6.10 décima semana.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS.....	76
APÊNDICE A – JOGO DA TRINCA DOS GÊNEROS TEXTUAIS.....	79

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento e fortalecimento da linguagem, andam de mãos dadas com um fator transcendental: o processo leitor-escritor. Nesse sentido, a linguagem tem um valor duplo: um subjetivo e outro social, resultante de assumir o ser humano a partir de uma dupla perspectiva: o individual e o coletivo. Nesta última perspectiva, a linguagem se torna, através de suas várias manifestações, no eixo e sustento das relações sociais.

A sociedade de hoje necessita de pessoas preparadas intelectualmente e fáceis de interagir no contexto social. Ela exige uma base acadêmica, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental para o desenvolvimento de habilidades de comunicação, incluindo a capacidade de produção escrita, fundamental para as conquistas nos anos seguintes. Como também a leitura, através de um processo leitor que possibilita a interpretação de forma coerente, adquirindo o conhecimento de si e de mundo.

Neste sentido, considerando a importância das práticas de letramento nos anos iniciais da educação básica, foi lançado o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), assumido pelos estados, municípios e pelo Distrito Federal a fim de assegurar que todas as crianças sejam alfabetizadas até os sete anos de idade, ao final do segundo ano do Ensino Fundamental, conforme texto do Projeto de Lei 392/19 e, desta forma, diminuir e/ou pelo menos amenizar o déficit encontrado na leitura, compreensão e produção de alunos no 5º ano.

É necessária para se concretizar o PNAIC, a aplicação de metodologias e projetos pedagógicos atrativos e dinâmicos, pois a interação e o compromisso são pontos essenciais, para amenizar a crise da leitura e da interpretação textual.

Dentro da visão de, alfabetização do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e obedecendo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o professor alfabetizador, tem a função de auxiliar na formação da cidadania. Para isso, precisa entender a alfabetização e o letramento, para além de uma visão tradicional, em que considera a leitura e a produção de texto, como uma aprendizagem de habilidades individuais e de simples codificação e decodificação.

Foi determinante na escolha do tema, estar como titular em sala de aula do 5º ano do ensino fundamental, enfrentado as dificuldades pertinentes à consolidação dos descritores exigidos na matriz de Língua Portuguesa do SIMAIS, sempre

buscando estratégias atrativas e eficientes, que englobassem os descritores, a produção escrita, a oralidade, a fluência leitora e a cidadania.

Neste sentido, o problema de pesquisa é, como desenvolver a compreensão e a identificação do propósito comunicativo em gêneros textuais nos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental? Do ponto de vista pessoal, esta pesquisa justifica-se por experiências vivenciadas nas salas de aula do ensino fundamental, em observar a dificuldade de leitura, o desinteresse em aprender a ler e diante disto, as falhas de comunicação e compreensão, que muitos alunos enfrentam por toda vida acadêmica.

Após estudos e pesquisas, decidimos por uma ‘Sequência didática como ferramenta de consolidação da leitura e produção’, como Amaral (2019) explica que, as sequências didáticas são um conjunto de atividades ligadas entre si, planejadas para ensinar um conteúdo, etapa por etapa. Organizadas de acordo com os objetivos que o professor quer alcançar para a aprendizagem de seus alunos.

Do ponto de acadêmico, esta pesquisa justifica-se, por ser parte fundamental para a comunicação social, como habilidade e indicativo do SPAECE que apresenta como está o nível de aprendizagem no Ceará.

É possível melhorar o nível de leitura, de compreensão, de interpretação e conseqüentemente a produção dos alunos. O professor alfabetizador, trabalha diretamente com a leitura, a escrita e o letramento. Esse profissional da educação tem em seus limites, a possibilidade de modificar e valorizar o trabalho com a literatura e com o próprio texto, como também, avaliar melhor a opinião do aluno, antes de rejeitar ou rotular como incorreta, por não apresentar a resposta esperada.

Os gêneros textuais, cada vez mais, passam a nortear o trabalho em salas de aula nas atividades de análise, interpretação e produção de textos no intuito de favorecer o desenvolvimento da competência linguística e discursiva. A consolidação dessas competências, é exigida nas avaliações em larga escala, como Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECE). As matrizes de referência são, formadas por um conjunto de habilidades (descritores) mínimas esperadas dos estudantes, em seus diversos níveis de complexidade, em cada área de conhecimento e etapa de escolaridade.

Através de uma sequência didática, tendo como estudo, o livro Felpe Filva, da autora Eva Furnari, que contém nele a leitura de vários tipos de gêneros textuais, o que proporciona a leitura, a compreensão e a produção escrita, norteados a

contemplar os aspectos dentro da visão do PNAIC. Porque nele se considera, alguns direitos de aprendizagem dos conteúdos de Língua Portuguesa, dentre eles, segundo Brasil (2012, p. 32), o aluno deve “compreender e produzir textos orais e escritos de diferentes gêneros, veiculados em suportes textuais diversos, e para atender a diferentes propósitos comunicativos, considerando as condições em que os discursos são criados e recebidos”. Além disso, é necessário “apreciar e compreender textos do universo literário (contos, fábulas, crônicas, poemas, dentre outros), levando-se em conta, os fenômenos de fruição estética, de imaginação e de lirismo, assim como, os múltiplos sentidos que o leitor pode produzir durante a leitura”.

Por todos os lugares que as pessoas passam, se defrontam com, uma grande quantidade de diferentes textos orais e/ou escritos, utilizados para determinada situação de comunicação que acontece no cotidiano.

Do ponto de vista social, aprimorar a comunicação entre interlocutores como também a compreensão de eventos sociais ou comunicativos, como propõe Swales (1990).

Para se desenvolver essa pesquisa, foram traçadas metas, com o intuito de facilitar a leitura, a compreensão e a produção. Para tanto, foram criados os objetivos que nortearam o que deve ser alcançado. Em relação ao objetivo geral, foi estimular a formação do hábito da leitura, facilitando o conhecimento e a identificação do propósito comunicativo. Os objetivos específicos foram, desenvolver um leitor crítico e autônomo, capaz de imaginar, expressar as emoções e sentimentos, de forma significativa; conhecer todos os textos (orais e escritos) que circulam socialmente e a intenção na comunicação e interação verbal entre os indivíduos; Fazer um levantamento bibliográfico sobre as pesquisas no gênero textual como objeto de ensino de LP; Identificar os fatores textuais que, se relacionam com o propósito comunicativo de um gênero textual; e Propor uma sequência textual, tomando como material didático o livro Felpe Filva.

No primeiro momento, busca-se fazer com que o aluno possa vir a compreender o que é a Literatura, com um breve histórico, inclusive no Brasil e a sua importância para o processo de ensino aprendizagem. Apresentaremos o que é a Literatura Infanto-Juvenil (LIJ), seu valor e suas funções, mais focado no público da pesquisa. Para tanto, foram selecionados autores e respectivos textos que abordassem a temática, tais como Moisés (2014), Ziberman (2004), Cadermatori

(2014), Fischer (2006), Coelho (1991), Soares (2001), Saraiva (2006), Sodré (1976) e Colomer (2002).

Dessa forma, no segundo momento, aplicar mos uma lupa na literatura e destacaremos os gêneros literários, perfazendo um caminho histórico do lírico, dramático ao narrativo, com suas características e ramifica es. Fazendo a diferencia a entre gênero textual e tipologia textual. Para consolida a dessa etapa consultamos Soares (2007), Bakhtin (2000), Bronckart (1999) e Marcuschi (2008).

No terceiro momento, analisaremos o propósito comunicativo dos gêneros textuais, sua importância para a compreensão da comunica a, para que a mesma, seja eficiente. Saber o porquê, como e quando usar cada gênero textual em sociedade. Alguns autores nortearam esse momento tais como, Bathia (1993), Swales (1990), Schneuwly (2010), Bakhtin (2000) e Marcuschi (2008).

Para isso, adotamos a abordagem qualitativa, numa proposta apresentada por Gerhardt; Silveira (2009) e, para executar o processo metodológico, criou-se uma sequência didática, voltada para o estudo da leitura, compreensão textual e o conhecimento dos gêneros textuais e seu propósito comunicativo.

Optamos por uma sequência didática, por ser “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. ” (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004, p. 97) pela importância que esta ferramenta facilitadora tem na aprendizagem, ou seja, “favorecer a mudança e a promo a dos alunos ao domínio dos gêneros e das situa es de comunica a”. (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004, p. 97). A sequência foi baseada na leitura e compreensão do livro *Felpe Filva* da escritora Eva Furnari, aplicada a uma turma de 5 o ano de uma escola da rede municipal de ensino de Maracanaú.

Diante do fato, de serem crianças na faixa etária entre 9 a 11 anos de idade, compreende-se que para o público a atividade lúdica   prazerosa e encantadora, optamos também por construir o jogo da trinca (APÊNDICE A) dos gêneros textuais (cartas) como também jogos da memória, questionários sobre a compreensão da história e dos gêneros textuais, que serão disponibilizados aos alunos, através de link fornecido pela professora.

Essa rela a permitirá com que eles, possam resignificar seu mundo e a capacidade de relacionar situa es textuais com situa es cotidianas, tocando-os como sujeitos e conduzindo-os a uma compreensão textual, que sempre foi o

objetivo geral, junto com a criação de uma consciência reflexiva e crítica de seu contexto.

Para melhor compreensão, a pesquisa foi dividida em capítulos, com assuntos específicos. No segundo capítulo, foi abordada o que é literatura e em específico a infanto-juvenil, foi feito um breve histórico da mesma, no mundo e no Brasil e a sua importância no fundamental, como ferramenta para abordar uma diversidade de assuntos de forma lúdica e agradável.

No terceiro capítulo, apresentamos os conceitos e alguns fatos históricos que nos permitem compreender a evolução e o significado atual dos gêneros textuais. Mais a diante, descrevemos o ponto de vista comunicacional, dada a sua relevância, e sua função social.

No quarto capítulo, a partir do conhecimento dos gêneros textuais, como textos concebidos como eventos comunicativos que cumprem uma função social, intimamente ligados a um contexto, há a necessidade de identificar o propósito comunicativo, ou seja, a intenção específica por parte do emissor/produtor.

Para tanto, far-se-á necessário, organizar uma sequência didática, para ilustrar a noção de alguns gêneros e seu propósito comunicativo, através de um exemplo preciso e contextualizado na história de Felpo Filva.

2 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL NO ENSINO FUNDAMENTAL

Até as duas primeiras décadas do século XX, as obras didáticas produzidas para a infância, apresentavam um caráter ético-didático, ou seja, o livro tinha a finalidade única de educar, apresentar modelos e moldar a criança de acordo com as expectativas dos adultos. A obra, dificilmente tinha o objetivo de tornar a leitura uma fonte de prazer, retratando a aventura pela aventura. Havia poucas histórias que falavam da vida de forma lúdica, ou que faziam pequenas viagens em torno do cotidiano, ou a afirmação da amizade centrada no companheirismo, no amigo da vizinhança, da escola, da vida. Neste sentido, perpassa pelo ensino de literatura a própria definição que o professor tem daquilo que seja literatura.

Dessa forma, é necessário conhecer a literatura infantil como um caminho que leva a criança ao desenvolvimento da imaginação, expressar emoções e sentimentos, de forma significativa. A contribuição da literatura infantil no desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança é de extrema importância.

2.1 O que é literatura

A literatura é uma das artes plásticas e uma das mais antigas formas de expressão artística, que em outras palavras, atinge seus objetivos estéticos por meio da palavra, tanto oral quanto escrita. No entanto, nunca é fácil justificar o que é, e o que não é literatura, visto que, este é um conceito construído historicamente, ou seja, a literatura foi escrita antes de existir a ideia de literatura. Assim, seu conceito foi revisado e redefinido várias vezes ao longo do tempo e há várias definições possíveis.

A literatura Etimologicamente literatura, origina-se do latim littera, que significa “letra”, é uma das manifestações artísticas do ser humano, ao lado da música, dança, teatro, escultura, arquitetura, dentre outras. Ela representa comunicação, linguagem e criatividade, sendo considerada a arte das palavras. é de suma importância para nossa formação como seres humanos e, com as crianças, pode

fazer maravilhas, pois contribui para a sua formação para despertar emoções, pois promove a criatividade, explora a imaginação, cria dúvidas, incita curiosidade, admiração e diversão. A linguagem também melhora, pois fica mais rica e também contribui para a felicidade. Por todas as considerações acima, é importante que, a leitura comece a ser incentivada desde os primeiros anos de vida.

Com efeito, o conceito de literatura levantado por Zilberman (2004) foi se ampliando e abrangendo assim, diversos textos que englobam os gêneros literários que hoje conhecemos: literatura infantil, literatura de cordel, literatura marginal, dentre outros. Em alguns livros, direcionados para cada faixa etária, podemos encontrar gêneros e subgêneros tais como: Contos folclóricos tradicionais, mitos, lendas, fábulas, poesia, retoques, poemas, álbuns, contos literários, romances de aventura, fantasia, ficção científica, mistério e terror.

No começo, como relata Moisés (2014), geralmente são os pais que selecionam os títulos que serão lidos, mas também as crianças podem escolher através dos sentidos, seja por cores, ilustrações ou por tópicos que sejam de interesse para suas leituras. Tendo formado o hábito da leitura, a escolha dos títulos será, uma questão de gosto adquirido e há muitos autores que podem atender às necessidades em termos de assunto e técnica.

Segundo Moisés (2014), uma das características únicas da literatura é o uso da linguagem, que costuma ser chamada de "linguagem literária", e que difere do uso comum ou cotidiano. Seu uso particular da linguagem, busca a beleza e a reflexão sobre si mesma, não apenas por meio de figuras de linguagem, mas também de um senso particular de ritmo e significado.

Conforme Moisés (2014) a literatura é um campo de estudo em si, serve como objeto de estudo para a teoria literária e a crítica literária, bem como para a filologia e a história da literatura. Por outro lado, também se pode falar de literatura em um sentido que não está vinculado à arte, mas se refere a um conjunto organizado de saberes e textos.

A função da literatura, segundo Zilberman (2014) é de recriar situações da realidade produzida de maneira artística, ou seja, que possui um valor estético, donde o autor utiliza das palavras em seu sentido conotativo (figurado) para oferecer maior expressividade, subjetividade e sentimentos ao texto. Dessa forma, a literatura possui um importante papel social e cultural envolvido no contexto em que foi criada, posto que abarca diversos aspectos de determinada sociedade.

Sua principal característica, segundo Zilberman (2014) consiste no uso da linguagem verbal para fins estéticos, ou seja, afastando-se do uso comunicativo cotidiano e concentrando-se mais em suas formas. Usa ferramentas retóricas, ritmo e imaginação ou fantasia. Em suma caracterizam-se pelas suas plurissignificações, ficcionalidade, aspecto subjetivo e ênfase na função poética da linguagem.

Conforme Moisés (2014) as diferentes manifestações literárias existentes são classificadas em gêneros literários. Os três gêneros antigos eram épicos, tragédia e lírico, já analisados no capítulo anterior, enquanto os gêneros modernos são narrativos, dramaturgia, poesia e ensaio. O que se entende por literatura em um momento pode mudar no outro, incorporando ou perdendo textos ao que se considera canônico. Esta é a razão pela qual, muitos textos originalmente escritos como textos científicos ou religiosos, são agora considerados literatura

2.2 Histórico da literatura no mundo e no Brasil

De acordo com Fischer (2006) os primeiros escritos têm origem de quase quatro mil anos atrás, pelos assírios e babilônios, remota. O primeiro relato que se tem conhecimento corresponde ao que conta a história de dois irmãos, Anup e Bata, encontrado em um papiro de cerca de 3.250 a. C e, de acordo com um estudo realizado por Kurt Ranke (1908 – 1985), sofreu mais de 700 versões diferentes. A história em questão tem algumas semelhanças com a história narrada no livro de Gênesis relatando a história de Adão e Eva.

A mitologia grega é sem dúvida, riquíssima em grandes personagens que contribuem para a criação de lendas, que evoluiu ao longo dos séculos e sob a influência de diferentes culturas e tradições, são fonte indiscutível de muitas das histórias que conhecemos hoje (MOISÉS, 2014).

De acordo com Moisés (2014) em muitas dessas lendas chamadas "contos de fadas" são refletidas questões: a aventura dos heróis que, para ganhar o favor da princesa ou conquistar um reino, tem de passar por muitos testes de habilidade ou inteligência. Onde deuses vitoriosos ajudam àqueles que são favoráveis. Toma-se como exemplo: Jason, que tem de obter o Velocino de Ouro; Teseu que deve derrotar o Minotauro; Perseu, que deve enfrentar a Medusa; Hércules, famoso por alcançar "os dez postos de trabalho".

Para Sodré (1976) um problema comum em histórias infantis, e serve como uma desculpa para exaltar os pobres, mas valente camponês que, em concorrência com reis e príncipes, com astúcia ou ajudado por algum protetor torna-se vencedor. E, claro, a clássica história de Midas, rei da Macedônia, que Dionísio, grato por salvar o Sátiro Sileno, prometeu conceder qualquer desejo: Midas escolheu ter o poder mágico de transformar em ouro tudo que tocava.

Quanto ao caráter da bruxa, Moisés (2014) relata que é evidente a grande semelhança de Circe, a feiticeira de Odisseia de Homero, usando seus truques de mágica, envolve e recebe Odisseu e ao segurar sua mão, transforma seus parceiros em suínos como as bruxas nos contos de fadas, mas estes preferem transformar o príncipe em sapo.

E Sodré (1976) diz que a intenção moralizante da história, no entanto, e aparece nas fábulas de Esopo, no século VI a. C, que utilizavam animais como protagonistas o hábito de usar o mundo animal como protagonista, séculos mais tarde é copiado pelo francês La Fontaine, e por todos os principais compiladores e contadores de histórias, até o presente.

Conforme Sodré (1976) a história geralmente é curta, um fato ou fatos, legendários ou fantásticos, cujo propósito é também entreter e divertir, moralizar. Falando da história, é difícil evitar a memória da infância: assim parece-nos toda uma galeria de personagens inesquecíveis, cada um com uma série de virtudes ou qualidades. E o conto de fadas é especialmente grande maniqueísta e onde a madrasta, o lobo, a bruxa má, o ogro encarnar o amplo simbolismo do mal.

Para Fischer (2006) são fontes inesgotáveis para a história também têm sido os Panchatantra (contos indianos do século IV. a C.) e, certamente, a principal coleção de contos orientais é Mil e Uma Noites em que Scherazade se salva de ser assassinada pelo marido utilizando a estratégia de cada noite contar uma parte de um conto emocionante de contos coletados de diferentes países e culturas. As Mil e Uma Noites influenciaram significativamente no desenvolvimento da história ao longo dos séculos.

Ainda navegando pela história da Literatura, Fischer (2006) diz que os escritores no início do Renascimento, resgataram os contos orais de tradição local. No Oriente Médio era contemporâneo e encantado e em alguns casos, uma fonte de inspiração para Charles Perrault, e na Alemanha, os Irmãos Grimm. Em seu livro *Gumble's Yard* (1961) escrito para crianças, John Rowe Townsend (1922 – 2014)

reconhece duas origens pré-históricas da literatura infantil: (a) O material dedicado especificamente aos meninos, mas eles não eram histórias; (b) As histórias, que não foram projetadas especificamente para essa idade. Desta forma a editora que decidia se o livro é para crianças e adolescentes ou adultos.

Ainda, segundo Fischer (2006) as histórias no século seguinte foram atacadas por um número crescente de puritanos que as considerava heréticas e corruptas. Sem dúvida, eles estavam cientes de que essas narrativas fantásticas e imaginativas ou, por vezes, licenciosos, veio de uma forma ou outra para entregar os meninos. E o resultado foi que as mesmas histórias circularam em edições subterrâneas baratas em qualquer ambiente e podem ser adquiridas a preços baixos a partir de vendedores ambulantes.

Sodré (1976) relembra que o pensador checo e pedagogo Jan Amos Komensky (1592 – 1670) ou João Amós Comenius, criou entre 1650 e 1654 o *Orbis Pictus Sensualim Quedrilinguis* e publicado na Alemanha em 1658 "o livro de sua infância". Esta edição do *The World in Pictures* era, na época uma espécie de enciclopédia ilustrada para crianças, um manual Latino, que apresentou às crianças pequenas o conhecimento superficial das coisas do mundo ao seu redor e as atividades dos seres humanos. Depois disso e durante os próximos dois séculos, a literatura foi destinada para pequenos contos fundamentalmente morais.

Sodré (1976) lembra que em 1668 publicaram-se as Fábulas de Jean La Fontaine. O escritor está convencido de que a fábula é um gênero adequado para as crianças a aprender a distinguir entre o bem e o mal. O essencial é instruir e deleitar-se e enviou e dedicou o seu livro ao filho mais velho de Luís XIV dizendo que é um entretenimento conveniente aos seus primeiros anos. Que está em uma idade de diversão e jogos, mas ao mesmo tempo orienta a se dedicar a reflexões sérias. Tudo o que está nas fábulas tem que se agradecer a Esopo. O olhar é infantil, admite, mas esse infantil esconde muitas verdades importantes.

A moral contida nas fábulas é uma mensagem animada e colorida. Uma estória contém moral quando desperta valor positivo no homem. A moral transmite a crítica ou o conhecimento de forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato. Isso levou a pensar que essa narrativa da moralizante nasceu da necessidade crítica do homem, contida pelo poder da força e das circunstâncias. (GÓES, 1991, p. 144).

Os valores, transmitidos de forma alegre e infantil, mesmo em situações que, refletem situações do convívio adulto, chega até a criança, enraizando valores e modificando condutas.

Segundo Sodré (1976), La Fontaine (1621 – 1695) reconheceu dois mestres, a natureza e a antiguidade. Suas fábulas representam tanto a comédia humana como retrata a vida contemporânea, disfarçada no mundo de animais do interior da França, através de uma série de cenas dramáticas, onde a tragédia, comédia, realismo, lirismo e anedota se encontram. Com ironia, mas com sensibilidade, estão em suas fábulas observações agudas traduzidas do vocabulário regionais.

Numa época em que a leitura e a escrita começam a ser aplicada e mais difundida, porém, com um material generalizado, tendo em vista que, o público infantil não era levado em consideração.

Em 1697, segundo Silva (2009), com o tema das histórias de tradição oral, Charles Perrault (1628 – 1703), publica na França Contos da Mamãe Gansa, histórias da tradição oral contadas, principalmente, pela mãe ao pé da lareira. Foi o primeiro a dar acabamento literário a esse tipo de literatura, feito que lhe conferiu o título de "Pai da Literatura Infantil". Os contos de Fadas de M.^{me} D'Aulnoy e Telêmaco (1699) de Fénelon constituem os livros pioneiros dentro do gênero infanto-juvenil.

Silva (2009) relata ainda que os contos de fadas procuram uma conclusão para o conflito. Sua intenção moralizante faz o bem triunfar e que seus esforços sejam recompensados por uma vida feliz e "E eles viveram felizes". O livro de Perrault é pequeno contendo apenas onze histórias Chapeuzinho Vermelho, Bela Adormecida, Cinderela, Gato de Botas, Barba Azul, Pequeno Polegar, As fadas, Henrique O Topetudo, Pele de asno, Grisélides e Os Desejos Ridículos.

De acordo com Silva (2009) as histórias como a "Bela Adormecida" e "Cinderela" se encaixam na categoria de contos de fadas em ambas as histórias, há a presença de fadas, e várias metamorfoses são dadas em caracteres (em animais "Cinderela" são transformadas pela fada madrinha em um carro, motorista, etc.) Em "A Bela Adormecida" dragões aparecem, castelos assombrados, feitiços, bruxas e etc.

Segundo Silva (2009), no século XVIII, conhecido como o "Século das Luzes" ou "Iluminismo", surgiu com um pensamento revolucionário o filósofo Jean Jacques Rousseau (1712-1778), expresso na grande obra O Emílio, faz oposição às Fábulas

de La Fontaine; pois, são leituras falsas da realidade e, degradam a mente da criança; já que ela não tem maturidade psicológica para compreender as metáforas que vestem os ensinamentos morais.

No século XIX, com a evolução mental, econômica, cultural e social, houve mudanças de visão e representação de mundo no campo da Literatura e/ou Artes em geral. Dentro desse processo de evolução, descobre-se a criança como um ser que necessita de cuidados específicos para o seu desenvolvimento integral e formação, surgindo assim, um idealismo Romântico em torno da infância, que passa a ser compreendida como a “idade de ouro” relata Silva (2009) fechando essa linha do tempo.

Já a literatura infantil no Brasil surgiu no final do século XIX e início do século XX; mesmo que a primeira publicação destinada às crianças tenha surgido com a Imprensa Régia, em 1808. Conforme Cunha (1987, p. 20), “no Brasil, como não poderia deixar de ser, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo, adaptadas de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias” e somente no final do Séc. XIX que surgiu os primeiros “Livros de Leitura” escritos por educadores brasileiros, sendo traduções e adaptações da Literatura europeia.

Zilberman (2003) também relata que a Literatura Infantil brasileira surgiu na transição da Monarquia para a República, cujos primeiros textos dirigidos ao leitor-criança exibiam intencionalidade pedagógica e funcionalidade social. As primeiras produções nacionais surgiram como exemplos de devoção cristã, do moralismo patriótico-cívico e ao didatismo escolar. No princípio a Literatura Infantil brasileira, apresentou-se como instrumento de interesse da burguesia, associada às ideologias e às utopias, em torno da civilização e modernização da realidade nacional.

Segundo Coelho (1991) nas obras dos pioneiros do livro infantil está refletida a educação dos brasileiros no final do século XIX sempre orientada para consolidação dos valores ideológicos dos sistemas herdados e mesclados por todos os sistemas que permearam a evolução da história, destacando-se:

- a) nacionalismo: valorização da língua portuguesa falada no Brasil; preocupação com o patriotismo; idealização da vida no campo;
- b) intelectualismo: valorização do estudo e do livro, para a realização social e econômica;

- c) tradicionalismo cultural: valorização dos grandes autores e das grandes obras do passado;
- d) Moralismo e religiosidade: exigência absoluta de idoneidade, pureza do corpo e da alma, dentro dos preceitos cristãos.

Sendo assim, 1921 surgiu Monteiro Lobato (1882 – 1948), com a obra *A Menina do Narizinho Arrebitado*, inaugurando as publicações infantis, bem aceitas pelo público infanto-juvenil, principalmente a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo, marca registrada de Monteiro Lobato. Sendo assim,

Coube a Monteiro Lobato (1882-1948) a tarefa de instaurar o 'divisor de águas' que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. Fazendo a herança do passado vigorar sobre o seu tempo, Lobato alcança o caminho criador que a literatura infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o nosso século exigia (COELHO, 1991, p. 223).

Coelho (1991) escreveu com uma linguagem própria, libertando-se das influências portuguesas. Dessa forma atraía tanto para crianças quanto adultos.

Para Coelho (1991), com o tempo o fabuloso mundo da literatura lobatiana, modifica a realidade onde "o inventado passa a ter foros de realidade". Lobato rompe os modelos literários europeus, sobretudo de Cuore (Edmundo de Amicis 1846-1908), e sente a necessidade de se criar uma Literatura voltada para crianças no âmbito nacional. Em suas palavras lemos:

Ando com ideias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já enjoei. Bichos sem graça. Mas para as crianças um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusoe de Laemmert. Ainda acabo escrevendo livros onde as crianças possam morar. Não ler e jogar fora sim morar, como morei no Robinson e n'Os filhos do Capitão Grant (COELHO, 1991, p. 228 apud LOBATO (2008, p. 104).

Coelho (1991) apud Lobato (2008) Lobato escreve livros somente para o público infanto-juvenil e com uma linguagem própria. Deu voz aos personagens, abordava aspectos físicos e morais, o real e o imaginário, agradando todos os públicos. Seu maior desejo foi criar histórias onde as crianças pudessem morar, situação que ele vivenciou em sua infância e desejava oportunizar às crianças.

Lobato (2008) consegue prender a atenção das crianças e fazê-las viver no mundo da literatura, eternizando assim as suas obras tanto na Literatura Infantil Nacional como em outros países desde 1926 são traduzidas.

As obras de Lobato na área infantil são enormes desde livros originais a adaptações e traduções. Coelho (1991) destaca algumas publicações originais: A menina do Narizinho Arrebitado (1920); Narizinho Arrebitado 2º Livro de Leitura e O Saci (1921); Fábulas e O Marquês de Rabicó (1922); A Caçada da Onça (1924); A Cara de Coruja, Aventuras do Príncipe, Noivado do Narizinho e O Circo de Cavalinho (1927); A Pena do Papagaio e O Pó de Pirilim pimpim (1930); As Reinações de Narizinho (1931); Viagem ao Céu (1932); As Caçadas de Pedrinho e Emília no País da Gramática (1933); Geografia de Dona Benta (1935); Memórias de Emília (1936); O Poço do Visconde (1937); O Pica-Pau Amarelo (1939) e a Chave do Tamanho (1942).

Essas obras, constituídas por narrativas aventurescas, desenrolam fatos fascinantes, personagens e celebridades que se originaram da criatividade lobatiana e na memória dos tempos, seja através da história, tradição oral, lendas e/ou mitos. Essa mistura de imaginário, conhecimentos e heranças histórico-culturais da humanidade expressa a originalidade da obra de Monteiro Lobato, que busca: redescobrir realidades estáticas, cristalizadas pela memória cultural, e dar-lhes nova vida, em meio às renações do pessoal que vive no Sítio do Pica-Pau Amarelo. (COELHO, 1991, p. 230).

Dessa forma, imprimiu uma nacionalidade aos personagens com muita criatividade como uma criança criaria, pincelou de vivências e cultura que o cercou em sua infância, mas sem reproduzir outras culturas e sim valorizando a brasileira.

Segundo Coelho (1991) a partir da segunda metade do Séc. XX com o surgimento de novas ideias, pesquisas psicolinguísticas em torno do lúdico e da socialização infantil, concebendo na Literatura Infantil o seu papel socializador durante o processo educativo da criança, provocando o surgimento do paradigma lúdico. E Candido (1995 p. 245) traz a reflexão que “toda obra literária é antes de tudo uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção”.

De acordo com Coelho (1991) o jogo linguístico e visual passa a ter importância no mundo literário infantil, os Quadrinhos, no Brasil desde 1905 com a Revista O Tico-Tico. Porém, somente com repercussão em 1940 com a fusão entre o maravilhoso e a ciência são criados os super-heróis, detetives e histórias de

aventuras. Deve-se ressaltar a valorização das imagens evidenciada pela qualidade das ilustrações dos livros infantis.

2.3 A importância da literatura

Como sabemos, Colomer (2000) também partilha que o professor deve procurar oferecer ao aluno os mais variados textos, “o acesso à língua escrita também tem consequências no desenvolvimento intelectual dos indivíduos, pois as mensagens escritas podem ser analisadas e confrontadas com nossas ideias ou com as de outros textos” a fim de que ele tenha contato com discursos de características e registros de linguagem diversos (p. 124). No entanto, como a compreensão é tanto mais facilitada quanto mais denotativa for a linguagem, cremos que cabe ao trabalho com o livro de literatura infanto-juvenil, na escola, um papel fundamental e privilegiado na formação de leitores proficientes, em função do caráter específico de sua estrutura de sua linguagem.

Inicialmente, a literatura uma vez que não tem comprometimento com a realidade, mas com o real que ela mesma cria, é ficção e, por natureza, da ordem da fantasia. Assim, fomenta a curiosidade e o interesse pela descoberta; permite que ele vivencie situações pelas quais jamais passou, alargando seus horizontes e tornando-o mais capaz de enfrentar situações novas. Ou seja, ao romper com as barreiras da realidade, possibilita ao leitor o acúmulo de experiências só vividas imaginariamente, o que o torna mais crítico e mais criativo, além de ensiná-lo a reagir a situações desagradáveis e de ajudá-lo a resolver seus próprios conflitos.

Em segundo lugar, a literatura possibilita a internalização, além do registro padrão da Língua, de estruturas linguísticas mais complexas, desenvolvendo assim, de modo globalizado, o desempenho linguístico do falante. Desta forma, por meio da leitura é possível dominar, de acordo com o que a norma culta preconiza, a acentuação gráfica, a colocação de pronomes, o emprego dos verbos impessoais, das conjunções subordinativas, além da regência e da concordância.

Tudo isso, sem a necessidade de obrigar o aluno à árdua e infrutífera memorização de regras gramaticais, nunca utilizadas a não ser no momento em que faz a prova, e com a imensa vantagem de que a assimilação deste aspecto funcional da linguagem terá repercussões não só na escrita, mas também na fala e na própria leitura.

O último dos aspectos, diz respeito à importância da leitura no desenvolvimento de estruturas de pensamento, com evidentes repercussões no desenvolvimento do raciocínio lógico do aluno. Embora as relações de interdependência entre linguagem e pensamento, ou entre pensamento e linguagem, há décadas venham originando polêmicas entre linguistas, psicólogos e pedagogos de diversas correntes teóricas, que privilegiam, neste processo, ora o pensamento ora a linguagem.

Uma vez que, o desenvolvimento da linguagem se traduz como elemento essencial ao crescimento intelectual do indivíduo, e como o desenvolvimento da linguagem depende, intrinsecamente, ao domínio de habilidades de leitura, tal fator acaba por, interferir de forma substantiva no desenvolvimento de estruturas de pensamento, tornando-se, conseqüentemente, essencial ao desempenho intelectual do falante, durante a vida inteira.

No entanto, há que se questionar se, qualquer tipo de texto produz, igualmente e na mesma proporção, os efeitos aqui delineados, ou seja, se qualquer texto é capaz de se transformar num fator de enriquecimento das estruturas de linguagem e pensamento, promovendo o crescimento intelectual do indivíduo. Parece-nos que não.

Tais objetivos serão, preferencialmente, atingidos por meio da leitura instigante, que ofereça a possibilidade de fazer ver o novo, proporcionando o prazer da descoberta e da elaboração de múltiplos sentidos. E tais atributos, embora possam estar presentes em outros tipos de textos, são, necessariamente, intrínsecos à natureza do texto literário. Por este motivo, a leitura de textos informativos, ainda que necessária, não supre as necessidades da formação global do leitor.

A Teoria da Literatura, já há algum tempo, por meio de diferentes autores e caminhos, vem discutindo o caráter aberto, ou seja, múltiplo, inacabado, plurissignificativo, do texto literário (ZILBERMAN, 2004). A definição saussuriana de que o signo linguístico é composto por significante e significado contribuiu para a

constatação de que texto literário tem uma estrutura própria, assentada em dois níveis de discurso. Segundo Lacan (1978), o primeiro, mais superficial, é aquele que se evidencia ao leitor, e sua estrutura transparece sob a forma de cadeia significante, articulada em imagens.

No interior dessa cadeia significante, existem inúmeras brechas, portas, fendas pelas quais se pode ingressar no segundo, mais profundo, onde se esconde uma imensa gama de significados que estão à espera de que o leitor os descubra. Assim, “o que essa estrutura da cadeia significante descobre é a possibilidade que eu tenho [...] de me servir dela para significar algo totalmente diferente do que ela diz” (LACAN, 1978, p. 234).

A compreensão dessa estrutura, por um lado, delega ao leitor um papel de agente, sem o qual o texto não se faz por inteiro; por outro, admite a possibilidade de que o significado profundo do texto se altere, de leitor para leitor, já que, nesse caminho, cada um tem a possibilidade de escolher suas próprias trilhas.

Mas essa estrutura que, na verdade, é o que caracteriza o texto literário, é o que lhe confere literalidade e entendemos por literalidade como, a capacidade que um texto tem de, oferecer múltiplas leituras, a partir das múltiplas relações possíveis entre, os níveis manifesto e latente de sua estrutura de linguagem, e é o que determina a riqueza da literatura enquanto tal, enquanto espaço plural e aberto, parece ser absolutamente ignorada quando, se trata do trabalho com literatura infanto-juvenil implementado na escola, como se o fato de ser preferencialmente dirigida a crianças, determinasse um reducionismo em suas imagens (e a conseqüente perda de seu valor literário). Assim, equalizam-se textos literários e textos meramente informativos, monolíticos, que suportam uma única leitura de preferência a do professor.

Segundo Colomer (2000, p. 124) “O acesso à língua escrita também tem conseqüências no desenvolvimento intelectual dos indivíduos, pois as mensagens escritas podem ser analisadas e confrontadas com nossas ideias ou com as de outros textos” e a falta do hábito de leitura, do acompanhamento das atividades do aluno e de metodologias incentivadoras da leitura são alguns fatores contribuintes para as dificuldades de interpretação textual.

Colomer (2000, p. 124) ainda apresenta o benefício que o acesso a língua escrita traz para o conhecimento de si e do mundo porque “[...] favorece a apropriação da experiência e do conhecimento humano, pois permite transformar as

interpretações da realidade feitas por outros, ou mesmo por nós, em algo material e articulado que pode ser desfrutado, contrastado, conceitualizado e integrado em nosso conhecimento do mundo”. E sobre a leitura, os parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997, p. 41) definem que:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita.

Os PCNs colocam a leitura a partir dos conhecimentos prévios, da compreensão, não somente decodificação, mas a resposta para as indagações fundamentais da que tornam a leitura uma aprendizagem significativa. Apresentando para que devo usar, quando usar e como usar.

Soares (2007), entende de leitura e a escrita como práticas letradas, dependendo dos gêneros discursivo e textual. A autora inclui os procedimentos para marcação de autoria e argumentação como elementos de construção da identidade. Uma forma de interpretação contextual dos processos de leitura e escrita nos permite levar à análise de gêneros discursivos, nos quais convergem diferentes posições.

2.4 O que é literatura infanto-juvenil

Podemos definir literatura infantil, como literatura voltada para crianças, adicionada a textos literários socialmente considerados adequados para crianças, confirma Cadermatori (2014) “é, a partir desse juízo, que recebem a definição de gênero e passam a ocupar determinado lugar entre os demais livros” (p. 199). Isso nem sempre foi o caso, pois, nos tempos antigos, histórias eram escritas para leitores adultos e posteriormente adaptadas para serem lidas pelos pequenos, “característica distintiva a partir da qual se pode conceituar o que é literatura infantil: o livro para crianças pode ser definido a partir do leitor implícito – isto é, a partir do tipo de leitor que o texto prevê” (CADERMATORI, 2014, p. 199). É por isso que a

literatura infantil e juvenil (LIJ) pode ser definida como aquela que crianças e jovens também podem ler.

Literatura infanto-juvenil é uma expressão composta por um nome e um atributo. Gostaríamos de começar a tratar nosso objeto de reflexão partindo do pressuposto de que o atributo não se pode sobrepor ao nome, ou seja, de que qualquer discussão sobre literatura infanto-juvenil deve ter início na própria discussão acerca da natureza do nome literatura, para, só então, verificarmos a natureza de seu atributo, infanto-juvenil (ZILBERMAN, 2004).

De acordo com Sodré (1976), na Idade Média e em parte do Renascimento, não foi escrito para crianças, a literatura era quase exclusiva do clero e as pessoas eram abordadas pela literatura com o objetivo de inculcar valores e transmitir dogmas, destacando-se as fábulas de Esopo, com a personificação de os animais.

E no século XVII, segundo Sodré (1976) começou a mudança a partir das histórias que nascem com fantasias, mitos, lendas, histórias de transmissão oral de geração em geração. A inquietação pelas histórias de aventuras e a entrada em mundos imaginados, inexplorados e diferentes, nasce nessa época e persiste no presente, como característica da literatura infantil e juvenil.

No século XIX, com o movimento romântico, Sodré (1976) ressalta que começou o século dourado da literatura infantil. Muitos autores escrevem histórias e romances como Alice no País das Maravilhas - Lewis Carroll, Treasure Island - Robert L. Stevenson, O Livro da Selva de Rudyard Kipling, Pinocchio (Pinóquio) - Carlo Collodi, aqueles escritos por Júlio Verne ou As aventuras de Tom Sawyer, entre outros. Um novo contexto aparece para o estabelecimento de um novo gênero literário para o leitor mais jovem do século XX, onde a enorme produção de LIJ coexiste com as obras do gênero adulto.

Continuando a linha do tempo, de acordo com Sodré (1976), no século XX, nas décadas de 1970, 1980 e 1990, a produção de LIJ aumenta consideravelmente. Novos formatos do LIJ aparecem graças às técnicas pictóricas e à ilustração das histórias, onde as palavras são acompanhadas por imagens que contextualizam a narração e fornecem links para a história, é a aparência do álbum ou do álbum ilustrado.

Já no século XXI, Sodré (1976) diz que a LIJ está muito consolidada nos países ocidentais, onde as vendas são enormes e a produção literária é vasta. A grande explosão da mídia e o crescimento da educação específica sobre o LIJ como

algo profissional fazem com que cada vez mais autores enriqueçam esse gênero. Como literatura infantil, também pode ser considerada as peças literárias escritas pelas próprias crianças ou por adolescentes.

De acordo com Aguiar (2001) as narrativas literárias são divididas em categorias:

- a) Estrutura, temos o mito, lenda, fábula, apólogo, conto, contos de fadas, fantasia, ficção científica, comédia e novela, bem como crônica e narrativas mistas;
- b) Personagens, temos as fadas, animais, objetos, crianças, jovens, adultos e extraterrestres. A esses acrescentamos bruxas, símbolos e alegorias, plantas, outros elementos da natureza, fenômenos naturais e idosos;
- c) Temática, pode ser cotidiano, aventura, sentimentos infantis, relações familiares, questões históricas e sociais, questões ambientais, ficção científica, policial e religiosidade;
- d) Efeito, temos o suspense, humor, terror e lirismo. Acrescentamos o de conhecimentos, ludismo e afetos.

Para Zilberman (2004) quando se fala em literatura infantil brasileira, um nome é marco, nesta história, Monteiro Lobato, escritor considerado como aquele que deu bases sólidas no realismo da literatura, precursor de uma obra preocupada com a cultura nacional e não com a cópia de padrões europeus. Na atualidade, nossa literatura é enriquecida e mesclada, alternadamente, pelo didatismo da pedagogia, contos de fadas e a dramaticidade de contos realistas.

Segundo Zilberman (2004) as obras literárias retratam as experiências de quem as escreve, portanto, trabalhá-las em sala de aula implicam apresentarmos um conjunto de dados de uma época, conhecermos outros lugares, tempos, jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica, enfim, a cultura de um determinado período histórico. Pois, por mais que a obra se refira a algo fantástico ela traz em seu texto as vivências de quem às escreve. Por isso, observamos as modificações de obras que são reescritas por outros autores dos originais. Dessa forma, alertamos para a possibilidade do trabalho interdisciplinar que uma obra literária nos oferece.

Ao lermos, nos transportamos ao mundo que o texto traz e, ao nos colocarmos no lugar dos personagens, nos deparamos com conflitos e resoluções

para estes que, virão auxiliar na vida real. Assim, ao lermos ou ouvirmos uma história, o texto reage sobre nós modificando-nos. Dessa maneira, “a leitura será eficaz na medida em que o leitor, a partir dela, puder corrigir projeções antigas e superar experiências passadas, experimentando algo novo, que até então, não pertencia às suas expectativas” (CADERMATORI, 2014, p. 82). Tal conceito de leitor se apoia numa concepção de leitura como agente de mudança, móvel de reordenações de vivências e estimuladora do senso crítico.

Para responder a essa demanda, dois novos tipos de textos foram introduzidos na escola: literatura de tradição oral e literatura infantil e juvenil. A literatura da tradição oral rompeu os primeiros níveis de educação a partir da generalização da fase pré-escolar e depois foi estendida aos ciclos subsequentes. Cândido a literatura “humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (2002, p. 244).

A suas virtudes de ligação com fórmulas conhecidas pelas crianças desde antes da escolarização, foi a defesa de seu valor formativo para a construção da personalidade porque o leitor encontra o bem e o mal materializado, suas possibilidades de exploração na fase de aprendizagem da linguagem escrita. e até mesmo sua reivindicação como patrimônio cultural ameaçado pela urbanização da sociedade ou, em alguns casos, por décadas de marginalização cultural de línguas minoritárias.

A literatura infantil e juvenil “[...] depende, no âmbito do ensino básico, da seleção adequada das obras ao desenvolvimento afetivo e cognitivo dos alunos e do tratamento dispensado pelo professor à sua exploração” (SARAIVA, 2006, p.46). E foi revelada como a única maneira de incentivar o livre acesso ao texto infantil através de atividades para incentivar a leitura e criar hábitos de leitura que permitirão a formação do leitor.

2.5 O valor da literatura infanto-juvenil e suas funções

A teoria da literatura conforme Zilberman (2004), já há algum tempo, por meio de diferentes autores e caminhos, vem discutindo o caráter aberto, ou seja, múltiplo, inacabado, plurissignificativo, do texto literário. A definição saussuriana de que o signo linguístico é composto por significante (acústico, fonema) e significado

(conceito, imagem mental) contribuiu para a constatação de que texto literário tem uma estrutura própria, assentada em dois níveis de discurso o superficial e latente.

O primeiro nível mais superficial é aquele que se evidencia ao leitor, e sua estrutura transparece sob a forma de cadeia significativa articulada em imagens. No interior dessa cadeia significativa existem inúmeras brechas, portas, fendas pelas quais se pode ingressar no segundo, mais profundo, o nível latente, onde se esconde uma imensa gama de significados que estão à espera de que o leitor os descubra.

De acordo com Sodré (1976) a compreensão dessa estrutura, por um lado, delega ao leitor do texto literário um papel de agente, sem o qual o texto não se faz por inteiro, por outro, admite a possibilidade de que o significado profundo do texto se altere, de leitor para leitor, já que, nesse caminho, cada um tem a possibilidade de escolher suas próprias trilhas.

Resta verificar a natureza do atributo. Em se tratando de literatura, os atributos que muitas vezes se somam, ou até mesmo assumem o caráter de nome, buscam especificar o gênero/subgênero (literatura dramática, romance policial); relacioná-la a uma determinada estética/época (romance romântico, poesia concreta), ou ainda conferir-lhe uma especificidade cultural (literatura brasileira, drama alemão). Em qualquer dos casos, o atributo é de ordem interna, isto é, está ancorado no interior do texto, em aspectos primordiais de sua estrutura.

No entanto, na expressão literatura infanto-juvenil o atributo extrapola a natureza do texto, ancorando-se em seu exterior o público a quem, a princípio, o texto se destina. Tal inversão determina uma sobreposição do atributo ao nome, ou seja, a importância recai sobre o fato de destinar-se a crianças e jovens, deixando em segundo plano o fato de ser literatura.

Por este mecanismo, tende-se a minimizar o nível de exigência em relação à obra, como se o fato de ser preferencialmente dirigida a crianças pudesse justificar o reducionismo de imagens, a pobreza da linguagem e a conseqüente perda de seu valor literário transformando a literatura infanto-juvenil numa modalidade menor e marginal, pois que lhe faltariam os atributos imprescindíveis para que pudesse ser considerada, de fato, Literatura, com maiúscula.

Não pretendemos, aqui, defender a mudança do termo, impossibilidade real, diante da largueza de sua utilização, mas refletir sobre os efeitos dessa inversão na formação de alguns preconceitos, de algumas verdades inamovíveis que, de modo

geral, vêm servindo de base para boa parte das atitudes daqueles que intervêm na relação da criança / jovem com a literatura.

Numa primeira perspectiva, a exacerbação do atributo seria responsável pela criação de uma mentalidade segundo a qual a literatura infanto-juvenil pode dispensar um patamar de qualidade literária, pela pretensa diminuição do nível de exigência do leitor.

De acordo com tal visão, o fato de um livro ser escrito para crianças acarretaria, necessariamente, uma simplificação em todas as suas esferas de modo a que se tornasse mais facilmente compreensível (pois que a capacidade de compreensão da criança é inferior à dos adultos, leitores maduros) gerando duas consequências imediatas. Por um lado, passariam a ter uma série de restrições temáticas, pois há assuntos que não dizem respeito a crianças. Por outro, a linguagem teria que ser sempre mais direta e objetiva, destituindo o texto de sua abrangência multifacetária, o que o tornaria monolítico, suportando uma única leitura de preferência a do professor.

Claro que, muitos dos livros escritos para crianças, não são mesmo capazes de suportar uma leitura mais profunda: pobres em expressão, em experiências criadoras, e pior, carregadas de sentidos falsamente moralizantes (resquícios de uma literatura dita exemplar), são incapazes de interessar a quem quer que seja, adulto ou criança.

Atualmente, toda a ênfase é dada à construção de salas de leitura em muitas escolas, separadas das bibliotecas, num sinal claro de que essa leitura, em particular, precisa sair da sala de aula. Em muitos casos, a leitura do texto infanto-juvenil, do texto literário, quando não são acompanhadas de um estudo dirigido, tem se reduzido a revelar apenas o seu conteúdo lúdico, materializado por desenhos, estatísticas e toda a sorte de evidências que revelem uma leitura pública, visível, sem os riscos das motivações íntimas: também aí não vemos o livro na mão do professor.

Afinal, ler é correr riscos. Interessa ao Estado, pois, que o professor seja educado para as certezas. Nesse sentido, as editoras dão a sua contribuição às generosas aquisições do governo, respondendo com livros didáticos e paradidáticos, substituindo a curiosidade, o risco e as incertezas, atributos inerentes à leitura, por certezas que se manifestam nos seus catálogos quando indicam 'generosamente' os

livros mais aconselháveis, as escolhas mais acertadas, o melhor assunto e a maneira mais correta de se acerrar deles.

Todo esse aparato editorial, se adequou e até mesmo se consolidou na década de oitenta, quando então a literatura infanto-juvenil, foi revestida de uma aura transformadora, cujo sucesso e resultados positivos podem ser detectados tanto pela estratégia do Estado de fornecer livros às escolas, como pelo interesse que a pequena escola da periferia demonstra pelos projetos de leitura.

Perrenoud (2000) informa que a valorização da leitura, considerada num sentido amplo, advém de sua importância para a inclusão do sujeito numa cultura letrada. Neste sentido, o ato de ler ultrapassa, num primeiro patamar, habilidades de simples decodificação; num segundo, a capacidade de atribuir sentido ao que foi decodificado; e ancora-se, finalmente, na habilidade de compreender o que nos chega por meio das informações colhidas, analisando-as e posicionando-nos criticamente frente a elas.

Sob tal ponto de vista, o domínio das habilidades específicas da leitura, se traduz como um dos atributos que, evitam a evasão escolar, oferecendo ao sujeito melhores chances no mercado profissional e permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania.

Hoje, não se pode sequer admitir que tais habilidades estejam atreladas apenas às necessidades de determinados setores produtivos, voltados para atividades intelectuais. Mesmo em empresas cujos recursos humanos necessitem de níveis de escolarização relativamente baixos, habilidades de leitura bem desenvolvidas tornam-se um diferencial, na medida em que só o fato de conseguir compreender bem um manual de instruções pode evitar a paralisação de uma máquina, ou por má utilização, ou pela espera de um conserto que poderia ter sido facilmente realizado pelo próprio funcionário, por vezes, com um único comando.

Assim, o próprio mercado de trabalho passou a valorizar muito mais aqueles que desenvolveram habilidades cognitivas e, em consequência, estão mais aptos a se adaptarem a realidades diferenciadas, porque conseguem aprender o novo com maior facilidade que aqueles que detêm grande número de informações sobre determinado assunto, na medida em que tais informações se podem tornar rapidamente obsoletas. Assim, mesmo lidando apenas com o segundo patamar o da compreensão pura e simples do que foi lido, há que se admitir que a dinâmica tanto da vida escolar e quanto do profissional depende do letramento, de habilidades

relacionadas à capacidade de encontrar significados e de proceder a relações entre fatos e dados.

É bastante comum, inclusive, que professores das mais diferentes áreas atribuam o fracasso dos alunos em sua disciplina ao fato de não saberem ler. Portanto, dificuldades de compreensão afetam diretamente seu desempenho, não só no que diz respeito à linguagem, mas em todas as áreas do conhecimento e durante toda a sua escolaridade.

Através dos textos, buscamos a reflexão sobre situações problemas, a autonomia e a criatividade na elaboração de soluções para essas situações. Entretanto, para recuperar o prazer da leitura e a importância das histórias infantis é necessário o professor assumir ser um apaixonado pelo ato de ler, que recupere o significado dos livros na sua vida e que demonstre os sentimentos, a cultura que a leitura proporciona.

Seguramente nesta constatação, reside a causa de que, já há algumas décadas, o ensino da linguagem ter passado a contemplar, além da gramática, a chamada interpretação de textos. Mas a questão basilar é que, apesar disso, o desempenho do aluno frente à leitura continua sendo em regra, muito baixo.

Pode-se afirmar, então, que o ensino da literatura enfrenta atualmente o desafio de criar uma nova representação estável da educação literária que responda a um acordo geral sobre o papel que a literatura deve desempenhar na formação dos cidadãos das sociedades. Saraiva (2006, p. 47) defende que o ensino de língua não deve ser separado do da literatura, pois se constitui em um binômio harmonioso que “[...] preenche a função de ativar a percepção do funcionamento da língua e oportuniza a vivência daquilo que não pode ser cognitivamente apreendido”.

Para avançar no equilíbrio da situação atual, imediata a partir da qual ela começa a reconstruir um novo conceito de educação literária. Iniciando-se na educação infantil com um repertório atraente para as crianças dessa faixa etária.

A proposta dos anos iniciais do Ensino Fundamental, concentrou sua educação linguística nos diferentes usos expressivos e comunicativos. Neste momento encantar com os contos, poemas, dramatizações que fazem parte da vida dos alunos. E explorando dessa maneira a diversidade de gêneros literários e não literários que permeiam o cotidiano e que darão sentido a nova literatura. Começando assim, a estar mais presente na escola e fora dela, enquanto o prazer do texto e a compreensão da leitura parecem em qualquer atividade nesse campo.

Saraiva (2006, p. 13) ainda diz que a “Literatura na escola ministra, portanto, boas lições ao professor, revitalizando uma parceria centenária com propostas inovadoras, já testadas e aprovadas, capazes de mostrar que o texto em sala de aula pode, sim, formar leitores [...]”. A formação dos professores por sua péssima formação linguística no momento em que a "cientificidade" da área foi acentuada pela renovação linguística e pela aplicação de novos dispositivos formais levou por um lado, à subordinação do texto literário aos objetivos linguísticos e, por outro, o compromisso determinado da escola em promover o livre acesso à leitura e escrita de uma diversidade de textos. A construção de sentido do texto literário e da leitura deve ser processual, pois,

[...] por um lado, a estrutura lacunar do texto exige a participação do leitor; por outro, a leitura a que ele procede é influenciada por seu comportamento linguístico e por suas condições socioculturais. Em decorrência disso, as significações do texto adquirem um caráter mutável e transitório, visto que se expandem em função da atividade do leitor; e ele, por sua vez, sofre os efeitos da leitura, pois esse ato cognitivo é não apenas influenciado por sua experiência de mundo, como também a modifica, uma vez que passa a fazer parte dela (SARAIVA, 2006, p.48).

Há a necessidade da escola, de encontrar textos literários mais próximos dos interesses, familiaridade e a capacidade abrangente dos alunos, a partir do momento em que, a linguagem literária não era mais vista como o pico das possibilidades de expressar uma língua, entrou em crise a apresentação exemplar e histórica dos autores clássicos e a ideia de que era necessário formar um leitor "competente".

Em relação às estratégias, os autores afirmam que buscaram articular o texto literário com seu contexto de produção e recepção, e também fazer uso da interdisciplinaridade. “As sugestões e avaliações de ambos foram acolhidas como parte do processo de concepção de novas atividades, e os produtos delas resultantes, à medida que conquistavam a valorização da comunidade, legitimaram o trabalho do professor e da escola” (SARAIVA, 2006, p. 20)

O ensino da literatura, se revelou como um dos pontos mais sensíveis à relação entre expectativas educacionais e mudanças sociais, e entre avanços teóricos e práticas educacionais. Conforme os PCN (1997, p. 30), “a questão do ensino da literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam

um tipo particular de escrita". De fato, a situação da literatura no campo da representação social, seus valores e ideologia, bem como sua participação no modo de institucionalizar a cultura através da construção de um imaginário coletivo, têm como consequência as mudanças produzidas nos mecanismos de produção cultural e coesão social e que foram imediatamente traduzidos na visão social do papel da literatura na educação e, portanto, na definição de objetivos do ensino e práticas de sala de aula.

Pensar sobre a literatura, a partir dessa autonomia relativa ante o real, implica dizer que, se está diante de um inusitado tipo de diálogo regido por jogos de aproximações e afastamentos, em que as invenções de linguagem, a expressão das subjetividades, o trânsito das sensações, os mecanismos ficcionais, podem estar misturados a procedimentos racionalizantes, referências indiciais, citações do cotidiano do mundo dos homens. (BRASIL, 1997, p. 30).

Os gêneros textuais, despertam o interesse de abordagens funcionalistas de diferentes tradições, com ênfase diferenciada nos aspectos mais teórico-descritivos ou aplicados. Neste capítulo, apresentaremos uma breve menção histórica dos gêneros textuais.

3 GÊNEROS TEXTUAIS LITERÁRIOS

O "gênero literário", foi delineado desde as poéticas de Platão e retóricas de Aristóteles aos manuais de crítica literária contemporâneos, tentou se concentrar em uma única denominação uma série de textos que, por suas características internas, pertencem ao grupo, por exemplo: lírico, épico e dramático (SOARES, 2007).

De acordo com Soares (2007) a mudança gradual e natural que as obras literárias sofreram, trouxeram consigo um problema particular: um texto que não se encaixa mais dentro da classificação aristotélica, onde incluí-la? A resposta parecia simples: criar um novo gênero que Aristóteles não poderia ter contemplado. Então foi concluído que a literatura poderia ser classificada em narrativa, lírica e dramaturgia e nos subgêneros que delas são destacados. No entanto, novos textos surgiram que poderiam entrar, por exemplo, dentro da narrativa, o gênero lírico e ensaio didático simultaneamente e sem muitas objeções (é o caso do romance).

O conceito de gênero textual possui vários significados. Nesta oportunidade, manteremos seu significado como categoria ou classe em que uma obra artística pode ser classificada de acordo com suas características (GUERIZOLI e SOUZA, 2012).

Apresentaremos a divisão baseada no fator história, permite a divisão em três gêneros chamados: lírico, narrativo e dramático. Veremos também seus subgêneros, na perspectiva de diferentes autores.

3.1 Gênero lírico

Pode-se dizer, portanto, que o gênero lírico é um gênero literário. Sua característica distintiva é que reflete as emoções e os sentimentos do autor. Em geral, o gênero lírico é desenvolvido em versos (poesia), embora existam textos líricos escritos em prosa. Era muito comum na Grécia Antiga, que composições líricas fossem cantadas com o acompanhamento de uma lira, por isso o nome (SOARES, 2007). Para Guerizoli e Souza (2012, p. 50) história é um critério para classificar os gêneros “Quando o texto literário não dispõe de história, temos o gênero lírico”. E ainda menciona que

O texto não se propõe a contar uma história. Suas palavras não chegam propriamente a configurar personagens e a descrever cenários, nem fazem narração de ações ou de acontecimentos; o que se passa, apenas, é a captação de um momento emocionalmente especial, e isto através de um processo muito mais sugestivo e musical do que lógico e discursivo. Outra característica do poema é a brevidade, a pequena extensão. (GUERIZOLI e SOUZA, 2012, p. 51-52)

Soares (2007) ainda relata que apesar de naquela época as obras pertencentes ao gênero lírico serem cantadas acompanhadas de música instrumental, esse costume foi ficando para trás até desaparecer.

Guerizoli e Souza (2012, p. 52) concorda quando fala “Em suma, estamos diante de uma composição lírica, que combina musicalidade, brevidade e supressão da história, substituída por uma espécie de clima sugestivo de sentimentos, sensações, reflexões”.

Coelho (1980, p. 36) destaca que no “gênero lírico trata-se de poesia breve, estruturada em pequenas estrofes e cantadas ao som de um determinado instrumento”. Atualmente, existe sempre a opção de fundir a poesia com a música,

bem como fazer qualquer outra combinação que o artista queira criar na distribuição ou exibição das suas obras.

São subgêneros do gênero lírico: Ode, Hino, Elegia, Idílio, Écloga, Epitalâmio e a sátira. Obras desse tipo são atualmente agrupadas como poemas, como são conhecidas as obras poéticas. Quanto ao ritmo e à métrica de uma obra poética, dependem absolutamente do autor. Como em todas as formas de arte, existem dois grandes grupos de criadores: aqueles que atribuem grande importância à técnica e aqueles que se deixam levar pela inspiração e ignoram qualquer estrutura que ameace privar suas obras da espontaneidade. Entre esses dois extremos estão aqueles que contam com conceitos técnicos para polir seus escritos e torná-los mais impressionantes (SOARES, 2007).

O gênero lírico talvez seja o mais difícil de ser apreciado, principalmente quando se trata de obras com alto grau de abstração, sua contrapartida é o drama, que nos oferece situações e diálogos que podemos encontrar em nosso cotidiano. Isso se explica porque é feito na 1.^a pessoa, o que torna o texto tão subjetivo. Recorre à função poética da linguagem, sendo frequente o uso do sentido conotativo das palavras e de figuras de linguagem, com o sentido de aumentar a expressividade da mensagem (SOARES, 2007).

Soares (2007, p. 25) apresenta o lirismo moderno, explicitamente social e humano a com as seguintes características:

- 1º) o eu lírico ganha sempre forma no modo especial de construção do poema: na seleção e combinação das palavras, na sintaxe, no ritmo, na imagística;
- 2º) assim, ele se configura e existe diferentemente em cada texto, dirigindo-nos a recepção;
- 3º) e, por isso, não se confunde com a pessoa do poeta (o eu biográfico), mesmo quando expresso na primeira pessoa do discurso

Desta forma desconstrói o conceito de o lirismo sempre estar relacionado ao abstrato, a imaterialidade dos cantares de amor. Combina o ritmo, aliterações, imaginação sem utilizar o eu lírico

3.2 Gênero dramático

O termo drama, do gênero dramático, é um nome que engloba todos os tipos de criação literária em que o autor, que neste caso recebe o nome de dramaturgo, é

aquele que cria e desenvolve uma série de acontecimentos escritos em um espaço e tempo definido, onde os fatos e personagens simbolizam um conflito e evento típico da condição humana. Visto que vem do grego que se refere a "fazer", embora também tenha sido considerado como "agir" (SOARES, 2007).

É um dos gêneros mais antigos e consagrados no mundo literário, sendo uma das mais importantes fontes de expoentes artísticos que o desenvolveram ao longo da história em diferentes contextos, épocas e lugares do mundo (SOARES, 2007).

De acordo com Coelho (1980) a poesia é dialogada, representada e a suprema expressão é a tragédia. "O objeto de imitação (ou face da realidade imitada) na tragédia: ação de caráter elevado completa em si mesma, de extensão" (COELHO, 1980, p. 37).

O gênero dramático é composto por uma grande variedade de subgêneros que sustentam as representações de algum acontecimento ou conflito na vida do ser humano por meio de um diálogo em que os personagens guiam a vida de uma figura construída pelo autor do drama (SOARES, 2007).

As características deste gênero são: tema dramático, ausência de narrador, ação, diálogo, ausência de descrições, escrito em prosa para melhor compreensão de quem ouve. Sua estrutura é apresentação, o desenvolvimento é o nó onde o conflito se apresenta e o resultado. Este gênero possui vários elementos que devem ser levados em consideração tais como: texto, diálogo, monólogo e soliloquio (GUERIZOLI E SOUZA, 2012, p. 56).

De acordo com Soares (2007) é um dos gêneros da literatura em que as composições artísticas feitas se destinam à representação cênica no qual o texto apresenta o discurso direto das personagens e as indicações cênicas (rubricas ou didascálias). O teatro passa a ser o palco da dramatização que contará com a atuação das personagens, a música, os elementos decorativos, etc., que constroem o cenário de espaço e tempo dado pela obra dramática. Exemplo é o Auto da Compadecida de Ariano Suassuna. Os subgêneros do gênero dramático são: farsa, comédia, drama, tragédia, auto sacramental ou litúrgico (bíblico), melodrama e tragicomédia.

Conforme Soares (2007) o auto é "uma modalidade do gênero dramático ligada aos mistérios e às moralidades e, na Idade Média, designou toda peça curta de tema religioso ou profano" (p. 58) sendo que as profanas são denominadas farsa (p. 59). Na tragédia "Aristóteles distinguiu seis partes na tragédia: a fábula, os

caracteres, a evolução, o pensamento, o espetáculo e o canto” (p. 61). Na comédia “Alguns teóricos acentuam, na comédia, o sentido do insólito, do imprevisível ou da surpresa, bem como o aspecto de sátira de situações sociais ou individuais, com um efeito de correção de costumes” (p. 62). Contemporaneamente o drama “em oposição à comédia, à peça teatral construída com base em tensões sociais ou individuais, que recebem um tratamento sério e até solene” (p.63). Ainda ligado ao drama temos a tragicomédia “ (peça que mesclava o cômico e o trágico, do século XVI ao XVIII, quando se defendia a pureza dos gêneros) ” (p. 63) e o melodrama “ (peça que, explorando um sentimentalismo exagerado, não raro desemboca no patético, em mistérios, cenas de medo, comicidade e enganos, que se desfazem milagrosamente)” (p. 63).

3.3 Gênero Narrativo ou épico

Quando nos referimos à narrativa, tentamos abarcar todas as ações linguísticas ou verbais que se distinguem por descrever eventos, emoções, situações ou uma diversidade de circunstâncias que ocorrem, ou seja, tornando o gênero narrativo um ramo da literatura multifuncional (SOARES, 2017). Guerizoli e Souza (2012, p. 50) apresenta como característica do gênero narrativo “Se a história é apresentada ao leitor através da mediação de um narrador, temos o gênero narrativo”.

O gênero narrativo é um gênero literário geralmente escrito ou oral, desta forma relacionando histórias ou acontecimentos que podem ou não ser imaginários, estes costumam incluir os personagens e descrever em detalhes como cada um se desdobra no decorrer da obra. Seria, seus sentimentos, seus pensamentos, a maneira como se vê as coisas e os obstáculos que o afetam através disso (SOARES, 2017).

De acordo Guerizoli e Souza (2012, p. 86) a definição de Aristóteles é pela própria “palavra epos significa em grego “aquilo que é expresso pela fala”.

O que distingue o gênero narrativo dos demais é a facilidade com que se desenvolve, se desdobra ou descreve vários ambientes, cenários, espaços, personagens e acontecimentos dentro da obra, a versatilidade do gênero e sua maleabilidade é algo extremamente peculiar e viciante, essa intensidade com que ao ler cada parágrafo aprofunda a leitura, se move e até sua percepção é afetada. Um

exemplo claro de obra narrativa (romance) mencionado por Soares (2017) e Guerizoli e Souza (2012, p. 100) o Dom Quixote.

A narração de acordo com Soares (2017) é usada tanto na comunicação cotidiana para transmitir informações quanto na literatura para a criação de histórias de ficção. Cada autor tem um estilo próprio para narrar, além de manter uma estrutura geral que identifica os textos narrativos com uma introdução, um desenvolvimento e um desfecho.

Um texto narrativo tem como objetivo contar uma história, informar ou entreter o leitor. É caracterizado pela figura de um narrador que pode aparecer através de um personagem dentro da história e estará na primeira ou segunda pessoa, ou no caso de ser um narrador onipresente, a história será na terceira pessoa (SOARES, 2017).

Soares (2017) ainda especifica sobre o autor é quem dá um estilo ao texto narrativo, que pode ser direto (quando reproduz literalmente e entre aspas, o que cada personagem diz), indireto (quando o narrador apresenta ou descreve o que os personagens dizem) ou gratuito (quando os estilos direto e indireto se fundem).

Segundo Soares (2017) divide-se em romance, novela, fábula e o conto. Um texto narrativo é caracterizado por possuir vários elementos, tais como:

- a) O narrador. É ele quem conta a história e pode estar presente como uma das personagens, ser onisciente (que tudo sabe e narra as sequências) ou ser uma testemunha (não conhece toda a história, mas narra o que observa);
- b) As personagens. São eles que atuam nos eventos que acontecem na história. Eles podem ser personagens principais (os protagonistas nos quais a história se baseia) ou secundários (que intervêm em eventos específicos da história);
- c) O espaço. É um ou mais lugares específicos onde a história se passa. O leitor consegue imaginar cada espaço e sentir emoções particulares através da descrição que o autor detalha;
- d) O tempo. É o momento ou época em que os eventos ocorrem e pode ser linear (cronológico) ou com voltas e reviravoltas (brincar com os eventos do passado, presente e futuro ao longo da história);
- e) O enredo. É o argumento da história que pode ser explicitado desde o início ou que é deduzido à medida que a história avança.

A narrativa descreve acontecimentos de uma determinada época, que estarão relacionados a condições, espaços e costumes dentro da trama e que influenciam cada um dos personagens e, portanto, a história que é narrada. Distingue-se principalmente pelas descrições de personagens, cenários, tempo e eventos.

Soares (2007) apresenta duas formas especiais de narrativas uma a crônica “[...] um trabalho literário que a aproxima do conto e do poema, impondo-se, porém, como uma forma especial, porque não se permite classificar como aqueles” e o ensaio “é também muito especial e, por isso, optamos por não o situar, mesmo que predominantemente, dentro do lírico, do narrativo ou do dramático”, em que “uma das marcas do ensaio era a impressão de que nele se traduzia diretamente o pensamento em palavras, sem qualquer artifício de expressão” (p. 65).

Sendo gêneros literários, apresentam aspectos comuns que definem a literatura como uma expressão artística que possui funções recreativas, sociais e críticas. Assim, não só ocorre a manifestação de sentimentos e invenção de histórias por parte do autor, como também ocorre a crítica à sociedade e há referências a momentos históricos, desta forma um “texto mescla aqueles traços de diferentes maneiras. E essa mistura de gêneros contribui, juntamente com outros fatores (determinados usos da língua, perspectivas de época, ideologias...), para a conformação de um estilo próprio de cada autor (SOARES, 2017, p. 66).

O texto literário, quer ocorra em verso ou em prosa, transmite a noção artística do autor, que trabalha com a função conotativa da linguagem, que utiliza uma linguagem mais poética e rebuscada, recorrendo ao uso de figuras de linguagem e que respeita estruturas no estilo e forma, como a métrica e a rima. O autor debruça-se sobre a seleção e combinação de palavras, para que transmitam o sentido pretendido, contribuindo para a concretização da intenção do autor.

Soares (2017) diz que com o movimento de vanguarda há uma ruptura violenta nos paradigmas dos clássicos dos gêneros literários, de forma que “não é possível sequer delimitar prosa e poesia, narrativa e poema, ficando-nos somente a noção de texto” (p. 70). E assim temos a carnavalização proposta por Mikhail Bakhtin “identifica-se pela inversão de valores, pela subversão cultural” (p. 71), ou seja, liberação total.

Soares (2017) relata que Bakhtin chama o dialogismo e polifonia ou intertextualidade é “a escrita em que se lê o “outro”, que funciona como um espelho no qual a imagem original se reflete invertida, ampliada ou reduzida, sendo, por isso,

uma escrita polifônica e plural” (p. 67). A intertextualidade é a “absorção ou réplica de outros textos” (p. 71). Outro exemplo é a paródia “um mecanismo intertextual, pelo qual um texto é constituído com outros textos, reconhecendo-se, no novo texto, aquele que foi parodiado” (p. 71). A paródia tem um valor social “um trabalho linguístico, embora o resultado de sua ação atinja não só os modelos literários, mas também a própria sociedade” (p.73).

Utilizamos os textos, sejam orais ou escritos, para nos comunicar, emitir nossas opiniões, fazer apontamentos, argumentar, além de várias outras funções. Os textos são divididos em gêneros textuais quando apresentam funções sociais e características próprias que os fazem parecidos. Entretanto, Soares (2017) alerta para não vermos o texto “apenas com a questão dos gêneros, mas que a ela se associem sempre as implicações contextuais, as poéticas e as ideológicas” (p. 78).

Diante de tudo que já foi exposto, observou-se a necessidade de oferecer vários temas e gêneros textuais, bem como recursos linguísticos que podem ser explorados sob diversos aspectos em diferentes áreas do conhecimento. Os gêneros literários são categorias da literatura que englobam os diversos tipos de textos literários segundo sua forma e conteúdo. De acordo com Dolz, Noverraz e Scheneuwly (2004, p. 171-72) todo gênero se define por três dimensões essenciais:

I- os conteúdos que se tornam dizíveis por meio dele; II- a estrutura comunicativa singular dos textos pertencentes ao gênero; III- as configurações específicas das unidades linguísticas. Isto é, quanto ao conteúdo, as histórias em quadrinhos abordam diversas temáticas que podem mobilizar discussões em sala de aula e desenvolver o senso crítico dos alunos. Ao que se refere à estrutura do gênero, a junção da linguagem verbal e não verbal, do diálogo espontâneo, despertam maior interesse do leitor. Por último, considerando as unidades linguísticas é possível discutir a posição enunciativa do enunciador e as diferentes visões contidas no texto.

Sendo mais específica ainda, buscaremos abordar o livro da autora Eva Furnari, Felpo Filva, por ser uma leitura com linguagem acessível ao público infanto-juvenil, divertida e que irá contemplar uma diversidade de gêneros textuais, tornando a leitura eficiente, como propõe os PCN:

[...] ressaltar a importância da leitura como objetivo do ensino, de aprendizagem e como objetivo de realização imediata. Isto significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura, ou seja, os diferentes para quês: resolver um problema prático, divertir-se, estudar, escrever ou revisar o próprio texto. (BRASIL, 1997, p.54)

Os PCN, já relatam da diversidade de gêneros que devem ser apresentados às crianças e que circulam no meio, como também a importância de conhecê-los e saber a intencionalidade de cada um para assim concluir a comunicação.

Diversidade que oportunizará, a produção destes gêneros em consonância com sua função social. Soares (2001, p.72) afirma que “o indivíduo letrado é aquele que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral”.

De acordo com os PCN, é importante saber utilizar a fala adequadamente, nas diversas situações de comunicação. A questão não é corrigir a forma que se fala, mas adequar à linguagem tornando-a eficaz.

Para essa adequação propõem-se, situações didáticas em que o aluno possa utilizar a linguagem oral e escrita nas diferentes situações comunicativas, principalmente nas mais formais, consolidando os descritores. Sendo assim,

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (BRASIL, 1997, p.26).

As diversidades dos gêneros textuais são distinguidos não somente por sua intencionalidade, mas também pela linguagem que cada um exige em específico, o tratamento usado.

As crianças que, ainda não saibam ler, necessitam se escutar histórias ou outros tipos de textos, para que dessa maneira, tenham o primeiro contato com a leitura e como estes textos são organizados na escrita, como também a entonação diferente em cada texto, desenvolvendo assim um repertório maior.

O trabalho de reflexão e análise da língua, tem como objetivo principal uma maior qualidade do uso da linguagem. Nos anos iniciais, é necessário que, as situações didáticas estejam centradas na atividade epilinguística, reflexão sobre a língua em contexto de uso, isto é, em situações reais de interação comunicativa, na análise metalinguística, utilizando-se textos reais.

[...] Quando se afirma, portanto, que a finalidade do ensino de Língua Portuguesa é a expansão das possibilidades do uso da linguagem, assume-se que as capacidades a serem desenvolvidas estão relacionadas às quatro habilidades linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever. (BRASIL, 1997, p.35).

A expansão das possibilidades do uso da linguagem, depende do desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever, para saber escutar e compreender. Saber se colocar oralmente em qualquer situação, como também não só decodificar o código, mas compreendê-lo e saber argumentar através da linguagem oral como também da escrita.

A linguagem tem um papel importante no processo de ensino, por esse motivo é necessário, propiciar situações de reflexão sobre a língua oral de maneira contextualizada, em todas as áreas do conhecimento.

Ler não é somente converter letras em sons, mas dar significado ao que se está tentando ler. Nas práticas de leitura, o objetivo não é só decodificar os códigos, mas compreender o que se lê, desta maneira, que tenha contato com diferentes gêneros textuais no seu cotidiano, sua linguagem, as especificidades de cada texto. Oportunizar o conhecimento da diversidade textual e de seus propósitos comunicativos.

4 O PROPÓSITO COMUNICATIVO EM GÊNEROS TEXTUAIS

Como se sabe, os vários tipos de gêneros surgem para dar uma resposta e satisfazer as diferentes demandas comunicativas e, portanto, sua estrutura e organização retórico-linguística são arranjadas em virtude do cumprimento desses fins. O problema é que se os diferentes gêneros discursivos implicam em diferentes tipos e níveis de processamento cognitivo, que por sua vez, se cristalizariam em diferentes representações, exigiriam propósitos de uma natureza diferente.

O gênero constitui uma constelação de potencialidades de convenções discursivas, amparadas em conhecimentos prévios dos falantes/escritores e ouvintes/leitores (armazenados na memória de cada sujeito), baseados em limitações e parâmetros contextuais, sociais e cognitivos. Esse conhecimento construído sócio cognitivamente é articulado de forma operativa por meio de representações mentais altamente dinâmicas. Assim, gênero como potencialidade de recursos é instanciado em conjuntos de seleções convencionalizadas, que apresentam certas regularidades sincronizáveis e identificáveis, mas que também são fáceis de serem observados como variações diacrônicas, visto que não são entidades estáticas, mas altamente dinâmicas.

Em sua manifestação concreta, os gêneros são variedades de uma linguagem que operam por meio de conjuntos de características linguístico-textuais que ocorrem sistematicamente por meio dos enredos de um texto, e que são linguisticamente circunscritos em virtude de propósitos comunicativos, participantes envolvidos (escritores e leitores), contextos de produção, áreas de uso, modos de organização discursiva, suportes e mídias, etc. Esses conjuntos de traços linguístico-textuais podem ser identificados a partir de corpus representativos de instanciações em textos concretos, a partir dos quais regularidades prototípicas que caracterizam um determinado gênero são projetadas em um nível superior de abstração.

Segundo a BNCC em aspectos sobre o ensino da Língua Portuguesa e da literatura, com foco na diversidade dos gêneros textuais como objeto de ensino, analisaremos e identificaremos, especificamente a intencionalidade de cada gênero concordando com Bhatia (1993, p. 13) que considera que sua natureza e construção, “é caracterizado essencialmente pelo (s) propósito (s) comunicativo (s) que pretende realizar”.

Segundo Bakhtin (2000), a comunicação entre o falante e o ouvinte segue o padrão de seu contexto social e histórico. Por isso a relevância em se trabalhar com os gêneros textuais e os propósitos comunicativos, desde a mais tenra idade, visto que muitas crianças chegam ao 5º ano com dificuldade de leitura e interpretação e sem saber em qual situação usar os gêneros. Os gêneros textuais podem ser divididos em dois grupos: gêneros primários possuem uma linguagem cotidiana e os gêneros secundários geralmente possuem uma linguagem mais oficializada, padrão.

Assim, os gêneros textuais são uma sentença com formas-padrão, conteúdo e uma estrutura que muda de acordo com as relações entre os interlocutores. E o propósito destes “é um critério privilegiado que opera no sentido de manter o escopo do gênero, conforme concebido aqui, estreitamente ligado a uma ação retórica comparável” (SWALES, 1990, p. 58).

Segundo Bronckart (1999), os gêneros textuais se constituem de ações da linguagem e exige do seu interlocutor, competência para escolher um gênero conveniente ao seu contexto comunicativo. Em acordo com a BNCC (2017, p. 95), faz sentido

Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam (EF15LP01).

A BNCC tem em suas habilidades desenvolver a prática de linguagem onde os agentes comunicantes sabem o que dizer, para quê e como dizer, efetuando uma comunicação completa e significativa.

E neste processo de ensino-aprendizagem, é insuficiente oferecer aos alunos modelos de textos, é necessário refletir sobre como utilizar de cada um, considerar seu contexto e o de seus interlocutores. É necessário trabalhar a língua como uma unidade de ensino e os gêneros como objeto deste. Marcuschi (2008, p. 85) descreve da seguinte maneira “primeiramente, tenho uma atividade a ser desenvolvida e para a qual cabe um discurso característico. Esse discurso inicia com a escolha de um gênero que por sua vez, condiciona uma esquematização textual”.

Já os tipos textuais, para Schneuwly, Noverraz, Dolz (2004). são “composições linguísticas que têm como característica a predominância de certas estruturas sintáticas, tempos e modos verbais, classes gramaticais, combinações”, de acordo com sua função e intencionalidade no interior do gênero textual. Os tipos ou tipologias textuais são ferramentas essenciais a serviço dos gêneros textuais, e seu domínio é fundamental no trabalho com leitura e produção de textos. Nesse sentido, os PCNs (1997) destacam que, a exploração do texto precisa levar em conta a função social dos gêneros e recomendam que as tipologias sejam estudadas no interior de cada gênero.

Os tipos ou tipologias textuais são limitados: descrição, narração, injunção, argumentação/dissertação, predição, exposição/explicação e diálogos. Estão a serviço dos gêneros textuais, por um gênero pode reunir diversos tipos de texto, como diz Swales (1990, p. 46) “a não ser por alguns casos interessantes e excepcionais, os gêneros são veículos comunicativos para a realização de objetivos”. Todo texto se organiza dentro de um gênero discursivo e que é importante identificar não somente o gênero discursivo, mas as intenções comunicativas que o autor do texto pretendeu

Marcuschi (2008 p. 90) relata que “não importa o quanto de problemas ortográficos ou sintáticos tenha um texto, ele produzirá os efeitos desejados e estiverem uma cultura e circular entre sujeitos que dominam a língua em que ele foi escrito”. Nesse sentido, deve-se notar que, a constituição de uma sociedade, altamente alfabetizada, letrada e progressivamente educada em todos os setores sociais e idades, levou necessariamente, a uma mudança vertiginosa no ensino da literatura, uma vez que, foi desapropriada sua identificação secular com acesso à linguagem escrita e foi forçada a redefinir a competência literária exigida de todos os cidadãos.

Por outro lado, a evolução das sociedades pós-industriais, em direção a formas de trabalho cada vez mais complexas, baseadas na capacidade de operar simbolicamente, foi acompanhada por um interesse central no conhecimento da linguagem. Assim, a reflexão sobre a linguagem em suas múltiplas funções e nas mais variadas perspectivas caracterizou o pensamento teórico do século passado. As mudanças produzidas pelos parâmetros curriculares, interessadas no fenômeno literário, causaram um impacto evidente na maneira de conceber seu ensino e nos instrumentos testados para isso.

O propósito comunicativo, a finalidade, tem uma função social e que define as demais características, pois o planejamento da comunicação relaciona-se diretamente com o seu objetivo. Nesse sentido, define o estilo, linguagem e como se organiza. De acordo com Bathia (1993), Uma boa comunicação tem como “exemplo da realização bem-sucedida de um determinado propósito comunicativo, utilizando o conhecimento convencionalizado de recursos linguísticos e discursivos” (p. 16). Todo texto produzido em sociedade tem uma finalidade, um objetivo, uma função social, que podemos exemplificar como o sucesso que esse texto terá, quando circular socialmente e atingir seu objetivo, ou seja, quando faz uma comunicação produtiva

com o público alvo a que se destina (BHATIA,1993). Nessa direção, Marcuschi (2008, p. 127) complementa o quanto é difícil identificar a

[...] a intencionalidade porque não se sabe ao certo o que observar também não se sabe e ela se deve ao autor ou ao leitor, pois ambos têm intenções. Mas o problema fica ainda maior quando queremos analisar a intencionalidade como um critério da textualidade. Seria mais conveniente vê-la integrada no plano global do texto e nos processos produtores de coerência.

Desta forma, o propósito comunicativo está relacionado ao objetivo do texto e ao público-alvo. Como observamos em um cartaz de campanha comunitária, que tem a finalidade de informar, suas características são as letras grandes, ilustrações e objetividade, por ser um gênero que deve ser afixado em lugares públicos e ser visualizado por uma quantidade de pessoas em trânsito. Já um panfleto de campanha comunitária, que também tem a finalidade de informar, apresenta mais informações, bem mais detalhadas e com letras menores, porque serão levados pelos transeuntes. Desta maneira, a função social do propósito comunicativo interfere nas características do gênero.

Capturar o significado intencional é essencial para que, o ato de comunicação não seja malsucedido. A intenção pode transformar o sentido literal ou linguístico em um significado oposto. A intenção comunicativa, determina para que serve a linguagem. Para isso, organizam as unidades da língua (palavras, frases) nos textos, de acordo com a intenção do falante, a situação comunicativa e de acordo com as circunstâncias em que se dará a comunicação entre o emissor e o receptor.

Quadro 1: Classificação com base na intenção comunicativa, análise de recursos linguísticos

Tipo de textos	Intenção comunicativa	Características linguísticas
Narrativo	Contar um acontecimento, uma história.	O verbo é abundante no passado e uso frequente de conectores.
Descritivo	Mostrar o que é um ser, um objeto ou uma realidade.	Predominância de adjetivos. Verbos no presente e no passado.
Dissertativo	Defender uma ideia, opinar e persuadir o leitor.	Linguagem formal, uso das regras gramaticais e verbo na terceira pessoa do singular.
Expositivo	Explicar, discutir e explicar sobre um determinado assunto.	Usando conectores e instanciações.

Injuntivo	Orientar, instruir, informar para recomendar.	Uso de imperativos. Exclamatório.
Argumentativo	Defender uma ideia e convencer.	Uso de conectores. Sintaxe complexa e ordenada.
Poético/literário	Expressar emoções, beleza.	Recursos literários, léxico complexo,...

Fonte: Elaboração da autora

Em resumo, foi apresentado, nesse capítulo, a importância do propósito comunicativo como função social e capaz de efetivar uma comunicação eficiente. Para tanto, também foi apresentado diversos tipos de textos circulantes na sociedade, bem como, a intenção comunicativa de cada um deles e suas características. Evidenciando que, para cada tipo textual, temos uma intenção, uma estrutura distinta, que torna eficaz a comunicação.

5 METODOLOGIA

Para Gerhardt; Silveira (2009, p. 31) “A pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema, recorrendo a procedimentos científicos”. Na verdade, é uma tentativa de captar um fenômeno com base em compreensões filosóficas e em procedimentos de coleta de dados. A abordagem, do tipo de estudo, dos procedimentos de coleta e de análise de dados e do lócus, dos sujeitos e dos cuidados éticos utilizados nesta pesquisa.

5.1 Abordagem de pesquisa e tipo de estudo

De acordo com Gerhardt; Silveira (2009, p. 31) é uma pesquisa qualitativa porque “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”.

5.2 Lócus, sujeitos e cuidados éticos com a pesquisa

O produto desta pesquisa se deu por meio da apresentação de uma obra pertencente à literatura Infanto-Juvenil, Felpo Filva, dividindo a leitura entre suas páginas e seus conteúdos. No que diz respeito ao público-alvo, para o qual a proposta de sequência didática se direciona, temos uma turma do 5º ano do ensino fundamental. São crianças com idade entre 9 e 11 anos de idade que, em sua maioria, demonstram pouco interesse nas atividades, além de não terem colaboração educativa nos lares.

A elaboração foi pensada a fim de, futuramente, por conta da pandemia, ser aplicada a sequência didática, tendo como público-alvo, estes alunos do quinto ano do ensino fundamental de uma escola pública de do Município de Maracanaú/CE. Nesta escola, são apresentadas várias situações sociais e problemas da vida real, principalmente, por estar localizada na periferia do município. Proporcionar-se-ão condições lúdicas, tanto para desenvolver o aspecto cognitivo, com relação a leitura, compreensão e escrita, como também, os aspectos sociais inerentes da faixa etária destes alunos a que estão inseridos. Visaremos, também, a consolidação dos descritores pertinente ao 5º ano, tão exigidos nas avaliações externas.

A estrutura administrativa das escolas de Maracanaú, é composta por gestão com diretor, coordenadores e conselho escolar. A escola escolhida foi a EMEF Madre Tereza de Calcutá no bairro de Pajuçara em Maracanaú. A escola tem alunos no 1º ao 5º ano, com um total de 328 alunos. Existem três turmas de 5º ano, com vinte e cinco alunos cada, porém, a pesquisa será aplicada a apenas uma turma, na qual a autora seja a professora titular, que facilitará o desenvolver da pesquisa.

Os princípios fundamentais da ética em pesquisa que são o anonimato e apresentação dos riscos possíveis aos sujeitos com base na legislação atual CNS 510/2016, deverão ser plenamente respeitados. Isso se materializa com o uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE é o documento mais importante para a análise ética de um projeto de pesquisa.

5.3 Procedimentos de coleta e análise de dados

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi organizada, portanto, uma sequência didática à luz de Amaral (2019), que a caracteriza como um conjunto de

atividades ligadas entre si, planejadas para ensinar um conteúdo, etapa por etapa. Esta sequência foi baseada na leitura e compreensão do livro *Felpe Filva* da escritora Eva Furnari.

Eva Furnari, nasceu em Roma (Itália) em 1948 e chegou ao Brasil em 1950, radicando-se em São Paulo. Formada em Arquitetura, é escritora e ilustradora de livros infantis desde 1980. Tem mais de 50 livros publicados no Brasil e em países da América Latina. Suas histórias são bem conhecidas e diversificadas. Seus livros circulam com frequência nas escolas e dessa forma foi conhecida a história de *Felpe Filva*. O livro infanto-juvenil que aborda diversos gêneros textuais, dentro de uma história encantadora de superação e ressignificação.

A técnica usada será a aplicação de uma sequência didática. De forma a fortalecer os processos de leitura nos alunos do 5º ano, dar-se á uma especial ênfase aos objetivos de aprendizagem, que devem ser alcançados através da implementação desta proposta. O aluno deverá reconhecer os elementos implícitos da situação comunicativa do texto e a sua explicitação, da mesma forma ler os diferentes tipos de textos: narrativos, explicativos, argumentativos, descritivos, informativos e compreender a intenção comunicativa em cada um deles. [

Para identificar o propósito comunicativo de cada gênero textual foi construído um jogo, chamado trinca dos gêneros textuais, onde a criança brincará com um jogo de cartas e aprenderá ludicamente. O jogo consiste em formar uma trinca com o modelo de um gênero, o nome do gênero textual e a outra carta a finalidade do gênero discursivo.

Foi construída uma atividade interativa na plataforma “Wordwall”¹, explorando os gêneros textuais do livro *Felpe Filva*, interpretação e alinhando a novos gêneros. E diante do momento de pandemia, foi também construído um jogo da memória utilizando o mesmo princípio da trinca e disponível na plataforma.

Para se realizar a análise dos dados baseou-se na análise do conteúdo definida por temática, porque “trabalha com a noção de tema, o qual está ligado a uma afirmação a respeito de determinado assunto; comporta um feixe de relações e pode ser graficamente representada por meio de uma palavra, frase ou resumo” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31). Desta forma, serão propostas atividades interativas na plataforma “wordwall”, que explorarão o conhecimento dos gêneros

¹ Plataforma: <https://wordwall.net/pt>

apresentados no livro Felpo Filva, como também, a compreensão e o propósito comunicativo. Ao cessar o link que será fornecido pela professora, cada aluno entrará, registrará seu nome e responderá as atividades. Não será necessário tirar print ou algo semelhante, após a conclusão, pois a plataforma encaminha ao login os resultados de cada aluno, com quantidade de acertos, erros e tempo gasto em cada resposta. Facilitando a análise dos dados coletados após a aplicação de uma sequência didática planejada a partir da história de Felpo Filva.

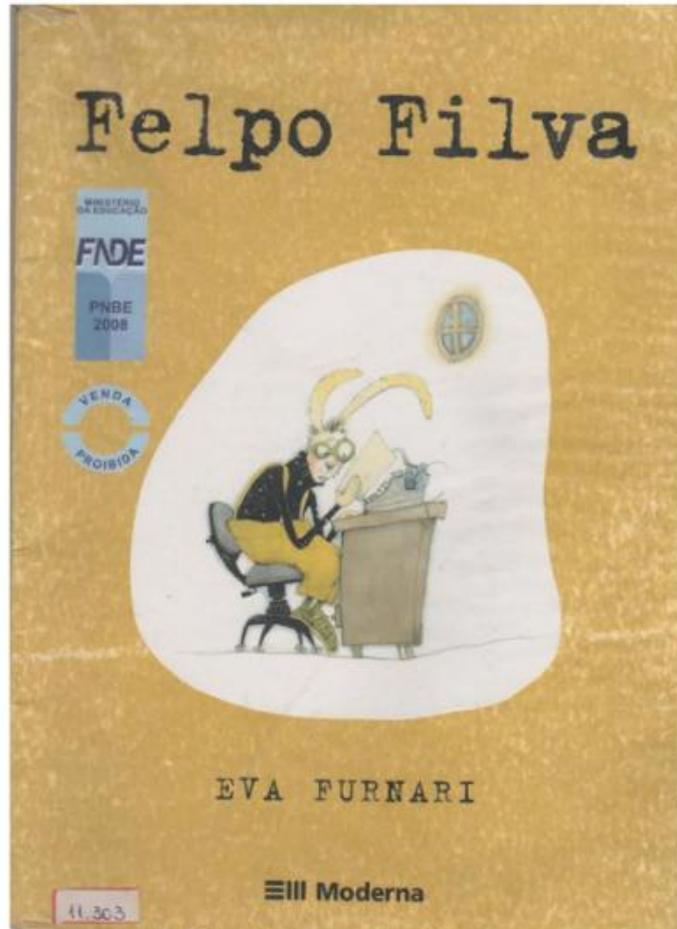
6 DESENVOLVIMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Neste capítulo, será apresentado a etapa da sequência didática a ser utilizada em uma turma do 5º ano do ensino fundamental. A sequência foi distribuída em semanas para que seja trabalhada a cada semana, um gênero textual dentro da oralidade, com a leitura do livro e a compreensão e a análise do gênero como estrutura e intencionalidade.

6.1 Primeira semana

No primeiro dia da primeira semana, será apresentado o livro. Será apresentada a capa do livro, Felpo Filva, com a predição do livro: Analisar título e autor.

Figura 1: Capa



Fonte: livro Felpo Filva

Será apresentada a biografia da autora, explorando o gênero textual biografia, suas características e finalidade. A autora e ilustradora Eva Furnari, faz parte do projeto literário "Uma janela para o mundo" do 5º ano.

Conhecendo a autora

Eva Furnari nasceu em Roma, Itália em 1948. Veio para o Brasil aos dois anos de idade e reside em São Paulo até hoje.

Em 1976, formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo. Foi professora de artes no Museu Lasar Segall de 74 a 79, colaborou, na década de 80, como desenhista em diversas revistas recebendo o Prêmio Abril de Ilustração em 1987. Começou sua carreira de escritora e ilustradora de livros infantis e juvenis em 1980, com livros de imagem e publicou 60 livros.

Seus livros já foram publicados no México, Equador, Guatemala, Bolívia e Itália. Ao longo de sua carreira, Eva Furnari recebeu diversos prêmios. Entre eles, o Prêmio Jabuti de Melhor Ilustração pela CBL (Câmara Brasileira do Livro) pelos

livros; Truks (1991), A Bruxa Zelda e os 80 Docinhos (1996), Anjinho (1998), Circo da Lua (2004), Cacoete (2006) e Felpe Filva (2007), este pelo texto e ilustração. Foi premiada por dez vezes pela FNLIJ (Fundação do Livro Infantil e Juvenil) e recebeu Prêmio APCA pelo conjunto da obra. Foi vencedora do concurso promovido em 2000 pela Rede Globo de Televisão para a caracterização dos personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo.

Questionamentos quanto à análise da biografia de Eva Furnari:

ATIVIDADES

1 – Pode se afirmar que Eva Furnari é:

- A) amiga da bruxa Zelda.
- B) a dona do museu de Artes Plásticas.
- C) autora e ilustradora de diversos livros infantis.**
- D) proprietária da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

2 – Este texto trata-se de uma:

- A) notícia
- B) biografia**
- C) bibliografia.
- D) carta.

3 – O assunto principal do texto é sobre:

- A) a vida de Eva Furnari.**
- B) os prêmios que Eva recebeu.
- C) seu primeiro lançamento.
- D) sua data de nascimento.

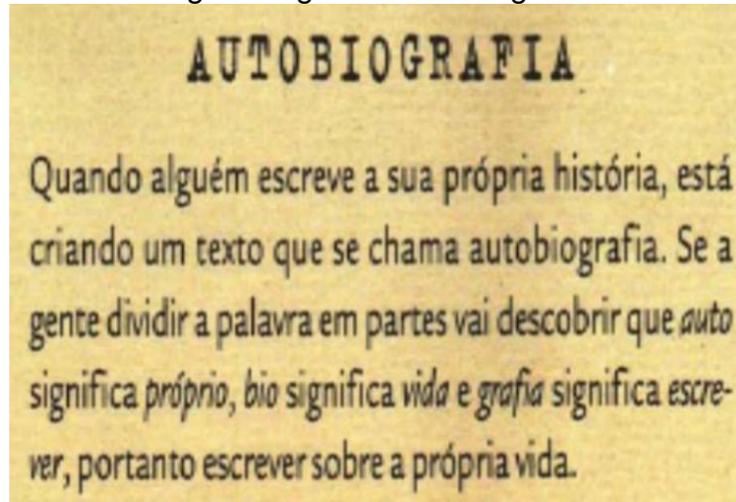
4 – A finalidade do texto é:

- A) apresentar dados sobre vendas de livros
- B) divulgar os livros de uma autora
- C) informar sobre a vida de uma autora.**
- D) instruir sobre o manuseio de livros

Na segunda aula da primeira semana, com a retomada da aula anterior, será relembrada a biografia. Deve ser feita a leitura do livro Felpe Filva, páginas 7 à 9.

Explicar sobre a autobiografia, finalidade, características e dados necessários, que a devem ser listados com a turma. Na página 41 encontra-se a definição do gênero autobiografia.

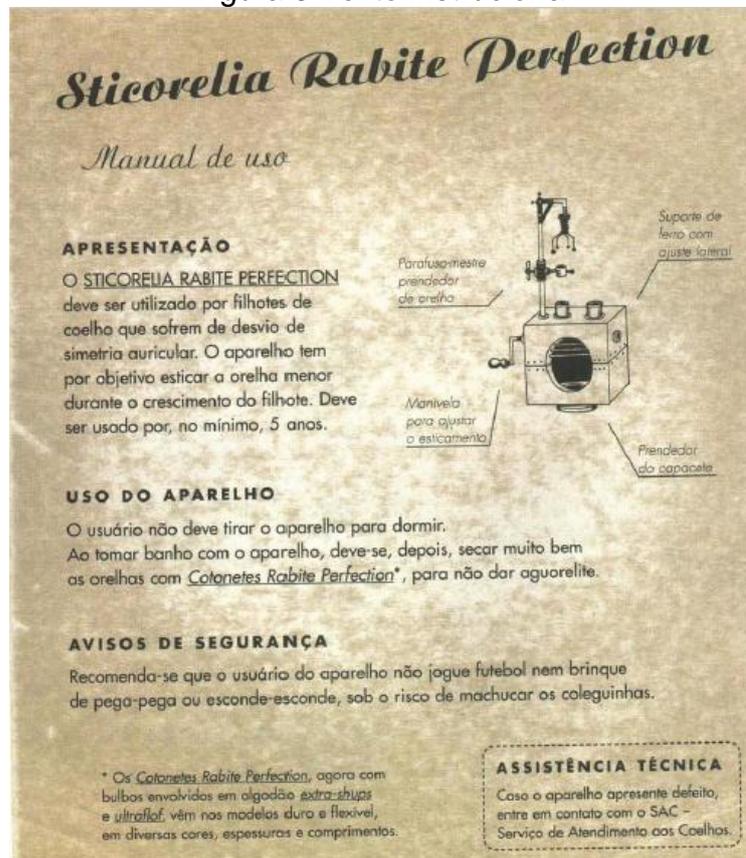
Figura 2: gênero autobiografia



Fonte: livro Felpe Filva

Será realizada a leitura do texto instrucional da página 10, explorando a característica e finalidade do gênero textual instrucional, ou seja, um texto injuntivo.

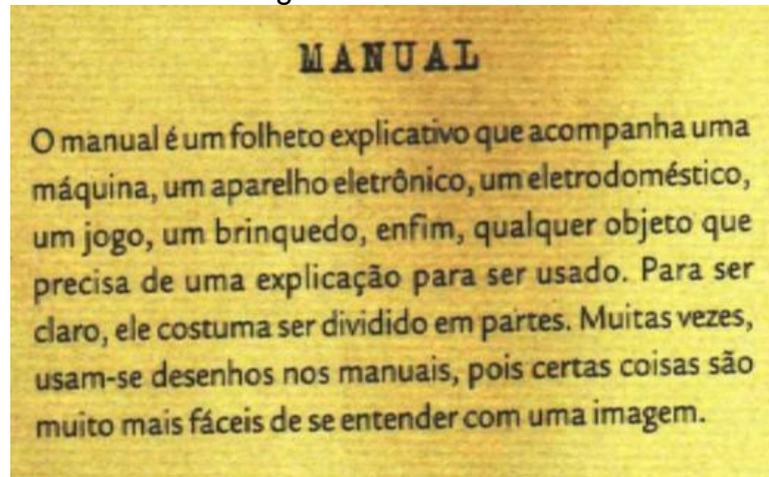
Figura 3 Texto instrucional



Fonte: livro Felpe Filva

Após apresentar o manual do aparelho usado por Felpe para a correção de uma deficiência em uma de suas orelhas. Analisar a estrutura e sua finalidade.

Figura 04 - Conceito



Fonte: livro Felpe Filva

Após discussão sobre o propósito do texto, apresentar o conceito que se encontra na página 50. Resgatar na memória algum texto semelhante.

Deve-se explorar o conhecimento prévio sobre o que é bullying, apresentando o texto “O que é bullying”, e explorando o gênero informativo. Será realizada uma conversa informal sobre atitudes contra o bullying. Posteriormente, será demandada a cada aluno a produção de sua autobiografia.

Figura 5: o que é bullying?

O que é Bullying:



Bullying é a prática de atos violentos, intencionais e repetidos, contra uma pessoa indefesa, que podem causar danos físicos e psicológicos às vítimas. O termo surgiu a partir do inglês bully, palavra que significa tirano, brigão ou valentão, na tradução para o português.

No Brasil, o bullying é traduzido como o ato de bulir, tocar, bater, socar, zombar, tripudiar, ridicularizar, colocar apelidos humilhantes e etc. Essas são as práticas mais comuns do ato de praticar bullying. A violência é praticada por um ou mais indivíduos, com o objetivo de intimidar, humilhar ou agredir fisicamente a vítima.

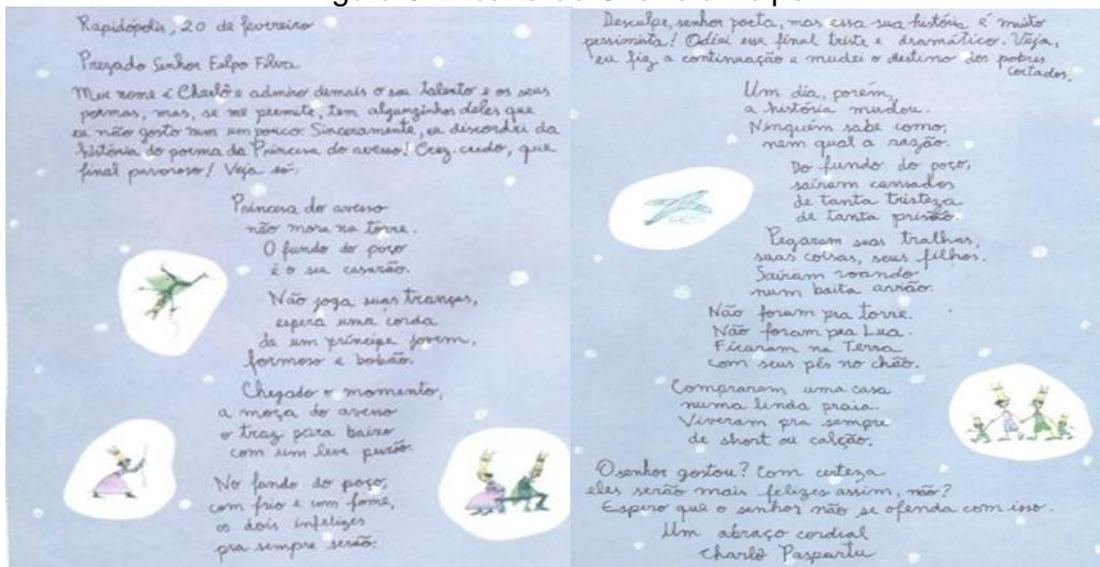
Fonte: Google com adaptação da autora.

Fazer um comparativo com a vivência de Felpo na infância, que por causa da deficiência na orelha sofria bullying, e por esse motivo vivia sozinho e introspectivo.

6.2 Segunda semana

Na segunda semana, deve-se relembrar os gêneros já vistos. Posteriormente, será feita a leitura das páginas 11 a 14, destacando o gênero carta. Os elementos encontrados em uma carta como local e data, saudação, mensagem, despedida e assinatura serão abordados. Há uma definição deste gênero na página 48.

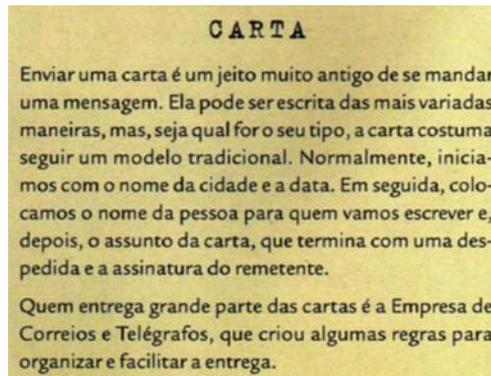
Figura 6 A carta de Charlô a Felpo



Fonte: livro Felpo Filva

Após a leitura as crianças deverão responder oralmente as seguintes perguntas: Charlô mora perto ou longe? O que acharam da carta de Charlô? Elas deverão fazer uma comparação entre bilhete e carta.

Figura 6: Conceito e estrutura de uma carta



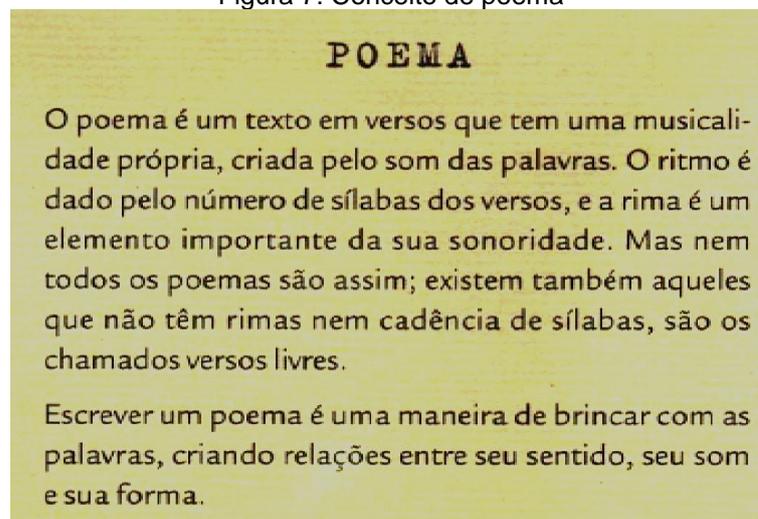
Fonte: Livro Felpo Filva.

Após as indagações apresentar o conceito e a estrutura como também a finalidade uma carta. Para que possam escrever em duplas as crianças produzirão uma carta resposta de Felpo Filva para Charlô. Haverá apresentação e auxílio no preenchimento do envelope na produção.

6.3 Terceira semana

No primeiro dia da terceira semana, será realizada a leitura das páginas 15 à 19. Será feita a retomada da leitura anterior (Figura 6) e desta vez explorando o poema do Felpo Filva e o da Charlô com as modificações. Ambos serão apresentados em cartaz para análises e comparação. Deve-se relembrar a estrutura do poema e o conceito na página 45, apresentando o título e capa de livros.

Figura 7: Conceito de poema



Fonte: Livro Felpo Filva, página 45.

Deve-se verificar as características do poema versos, estrofes, rimas e métrica.

Figura 08: carta resposta de Charlô e novo poema



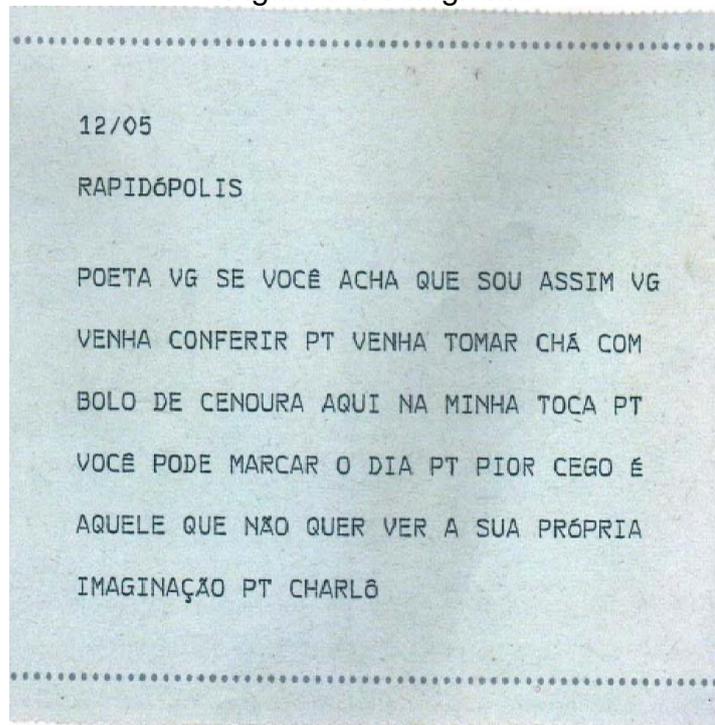
Fonte: Livro Felpe Filva

Apreciar os dois poemas e verificar as diferenças quanto a estrutura e a emoção desempenhada em cada um.

6.4 Quarta semana

Posteriormente, será retomada a estrutura da carta e apresentados o telegrama e o assunto principal, que é o convite a conhecer a Charlô.

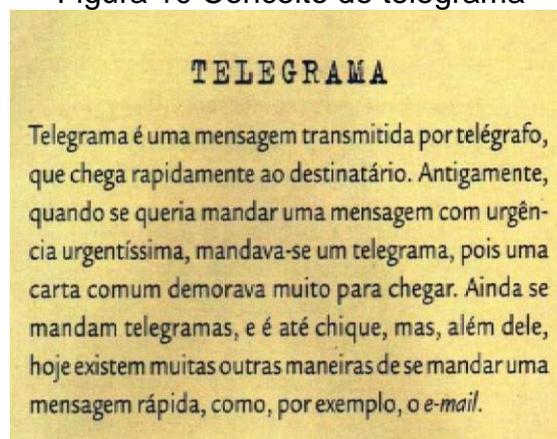
Figura 09: Telegrama



Fonte: Livro Felpe Filva.

Far-se-á a ligação do telegrama que era uma mensagem curta e rápida de antigamente com as da atualidade como WhatsApp. Será transcrita a mensagem do telegrama no formato de Whatsapp.

Figura 10 Conceito de telegrama



Fonte: Livro Felpe Filva, página 49.

Será analisado o conceito e apresentado as mensagens rápidas e o e-mail.

6.5 Quinta semana

Nesta aula, será dada continuidade à leitura, a partir da página 20 e já relembando o gênero textual instrucional. Apresentar-se-á a bula de remédio, comparando com o texto instrucional do sticorelia da página 10.

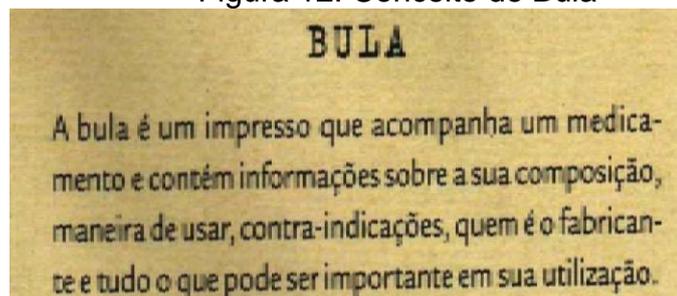
Figura 11: Bula de remédio



Fonte: Livro Felpo Filva.

Serão apresentados outros exemplos textos instrucionais e finalidade.

Figura 12: Conceito de Bula



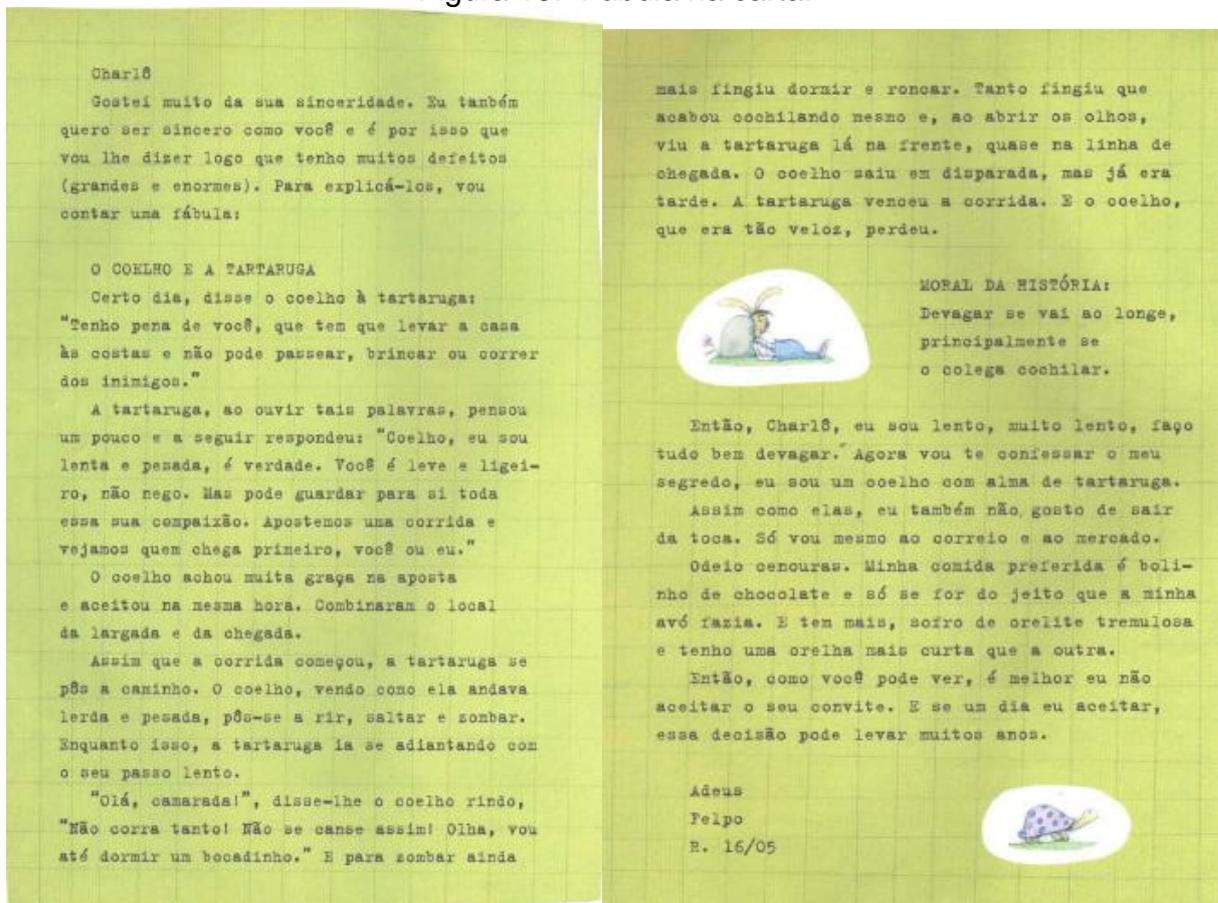
Fonte: Livro Felpo Filva, página 51.

Com a apresentação do gênero bula, indagar às crianças se conhecem, se já viram em casa? Aproximar cada gênero a realidade das crianças.

6.6 Sexta semana

Haverá a apresentação do gênero fábula, explorando as características e a finalidade, na fábula da página 22.

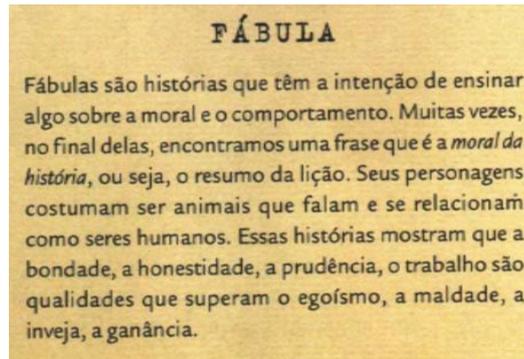
Figura 13: Fábula na carta.



Fonte: Livro Felpe Filva.

Os alunos serão questionados sobre o porquê de ele usar uma fábula nesse momento. Apresentar-se-ão o conceito, as características e a finalidade que se encontra na página 42 do livro.

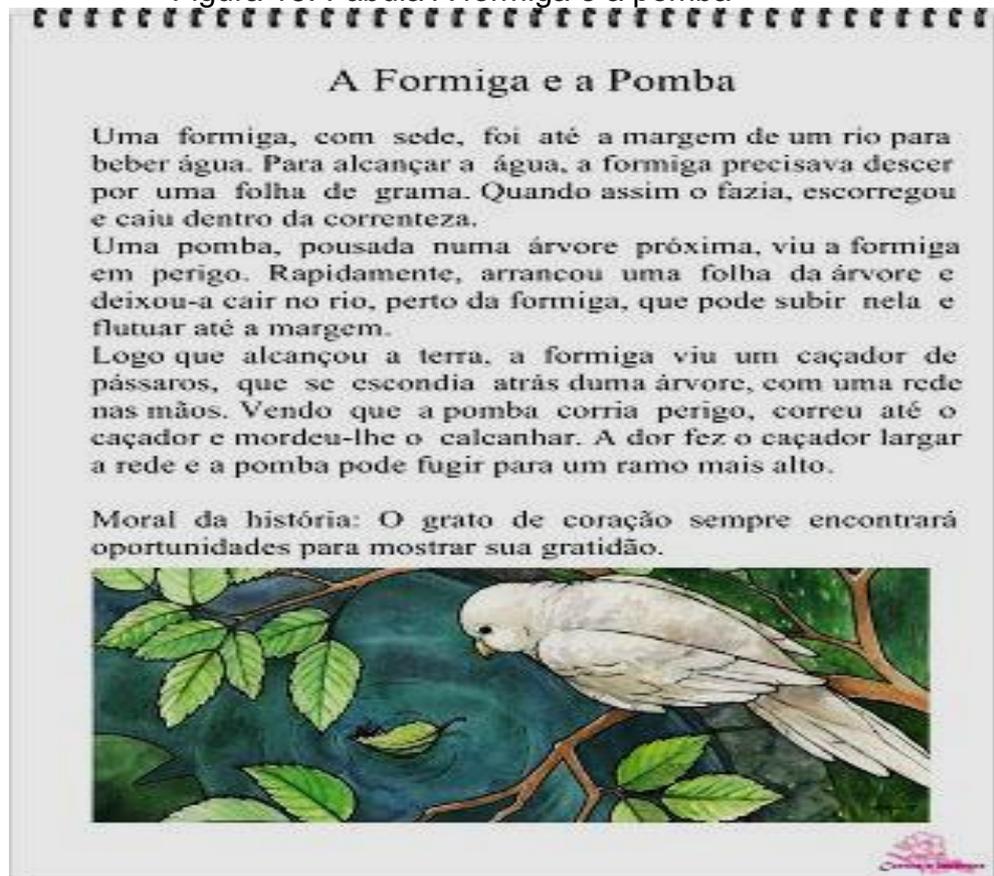
Figura 14: conceito fábula



Fonte: Livro Felpe Filva.

Após a leitura do conceito de Fábula haverá uma nova leitura, agora da fábula “A formiga e a pomba”, feita pela professora.

Figura 15: Fábula A formiga e a pomba



Fonte: google imagens.

Posteriormente, será produzida uma nova fábula com o apoio da fábula “A formiga e a pomba”. As crianças irão escolher os animais que estarão dispostos para votação. Logo após a escolha, irão relatar oralmente o desfecho. O professor será o escriba.

6.7 Sétima semana

Na sétima semana, será feita uma retomada da leitura a partir da página 25 e a apresentação do conto de fadas.

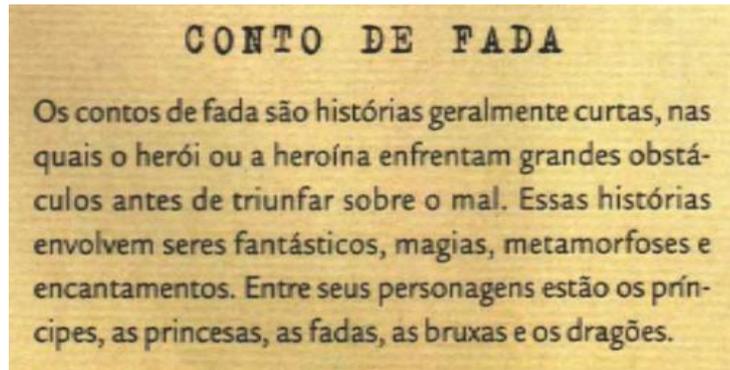
Figura 16: um conto esquisito



Fonte: Livro Felpo Filva.

A finalidade de um conto é narrar uma história fictícia com personagens encantados e final feliz. As crianças serão indagadas sobre o porquê de Felpo Filva ser tão pessimista e inverter os papéis em seu conto.

Figura 17: Definição do conto de fadas

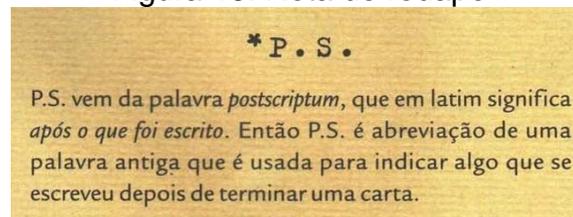


Fonte: Livro Felpo Filva, página 43.

Escolher-se-á um aluno que, orientado, irá procurar no dicionário o significado de conto, para então iniciar a explicação do gênero conto: Suas características, finalidade e onde se encontra.

Será apresentada a Nota de rodapé, que é uma anotação colocada ao pé de uma página de um livro, ou documento, fazendo um comentário da parte do texto da mesma página.

Figura 18: Nota de rodapé



Fonte: Livro Felpo Filva, página 39.

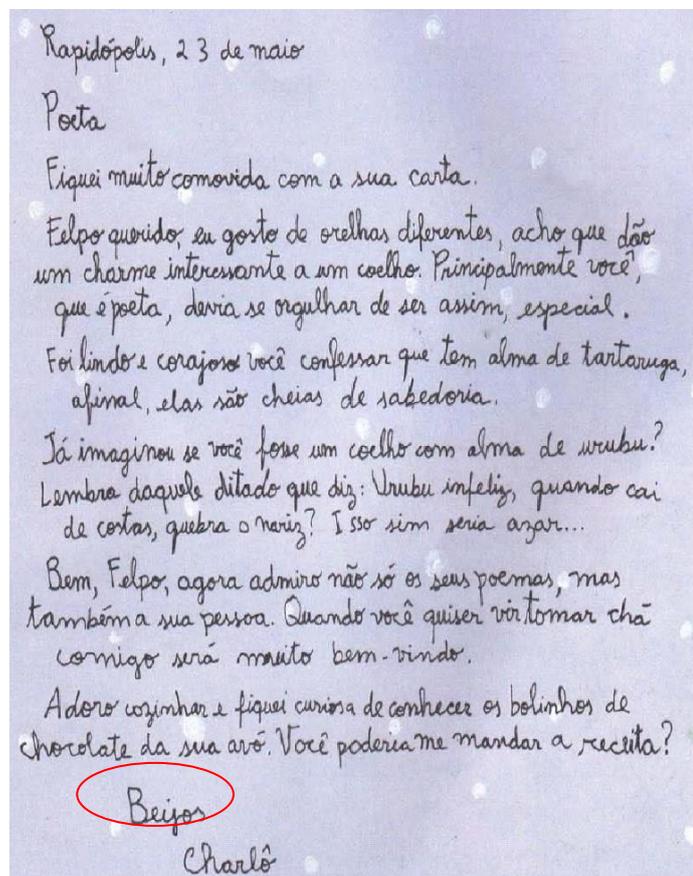
Relembrar-se-á que nas leituras das cartas se lia ao final P.S que quer dizer depois de escrito, ou seja, depois que terminou a carta.

No segundo dia da sétima semana, será sugerida a produção de um conto maluco. Os nomes dos personagens serão invertidos, como: donzela a bruxa, mocinho o príncipe feio, torto e banguela; vilã princesa má.

6.8.Oitava semana

Na oitava semana, será continuada a leitura a partir da página 27 até a 30. Deve-se chamar a atenção para a mudança que ocorre em Felpo Filva, apresentando o antônimo de sua postura atual. Até então, utilizava-se “abraço”. Agora, “beijos”. O que mudou nos personagens? Deve-se destacar aqui a demonstração crescente de afeto entre ambos.

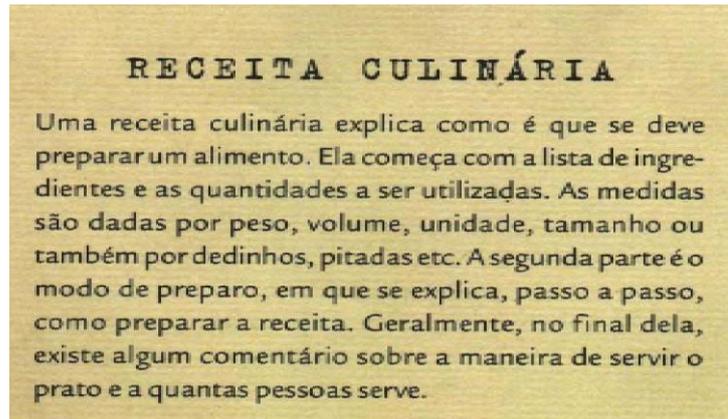
Figura 19: uma nova carta com afeto



Fonte: Livro Felpe Filva. Grifo da autora.

Na página 28, será realizada uma verificação de compreensão oral, a respeito da dificuldade em achar um espelho. Um novo gênero será apresentado: a receita.

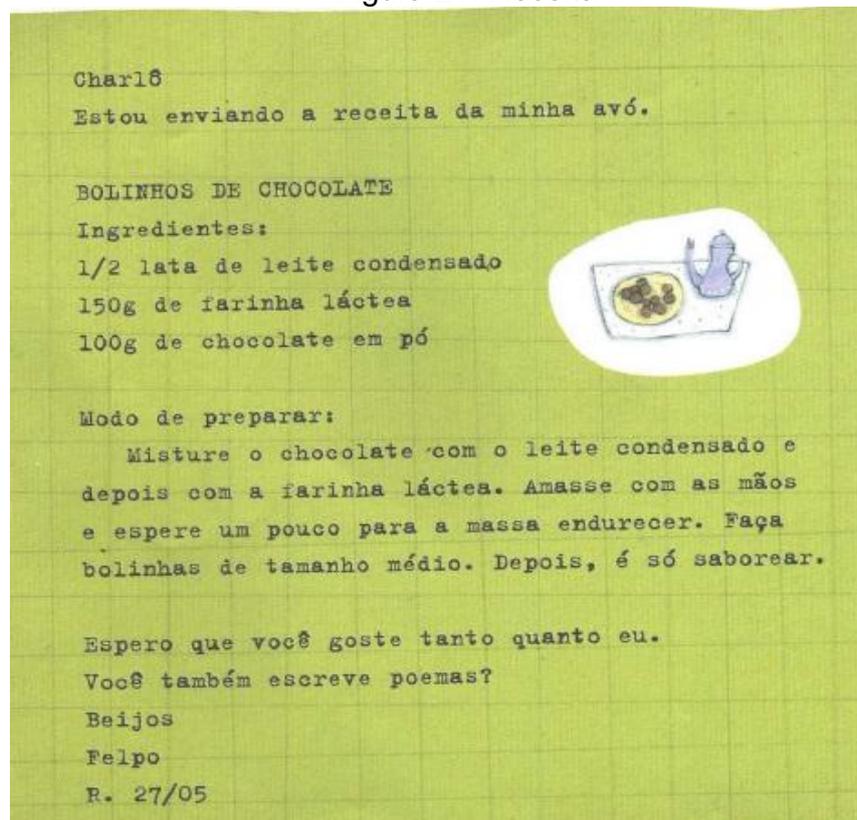
Figura 20: Definição receita



Fonte: Livro Felpo Filva, página 52.

Ao escrevê-la no quadro e analisar a sua estrutura, finalidade, assunto principal e onde encontrar.

Figura 21: Receita

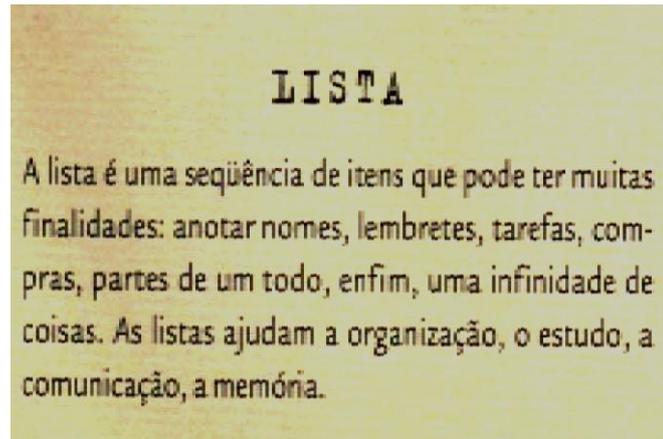


Fonte: Livro Felpo Filva

Buscar-se-á desenvolver uma abordagem interdisciplinar com a matemática, visto que são utilizadas unidades de massa e tempo.

Finalizar-se-á com a lista, sua organização e finalidade.

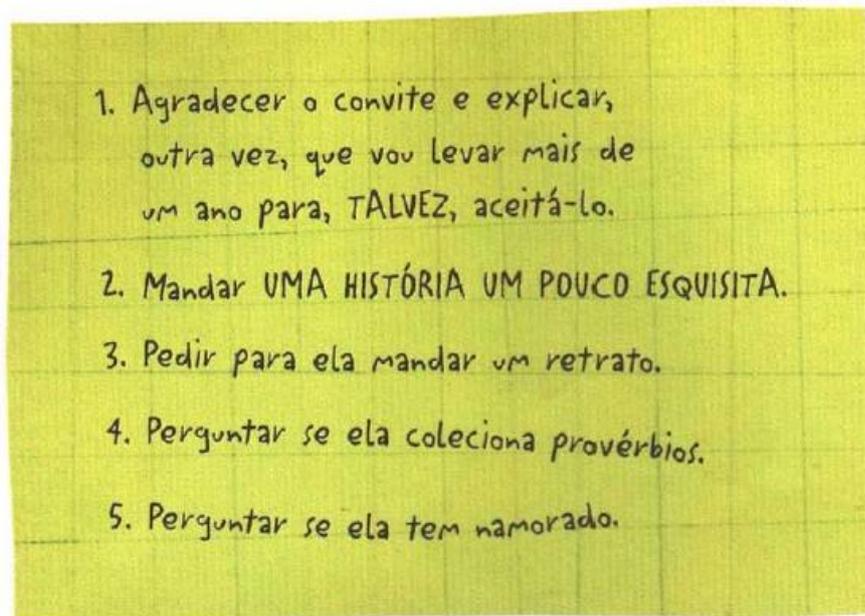
Figura 22: Definição de lista



Fonte: Livro Felpo Filva, página 53.

Em conversa informal, deve-se indagar se utilizaram ou já viram alguém usar o gênero lista, por que usaria e quando usaria?

Figura 23: Lista



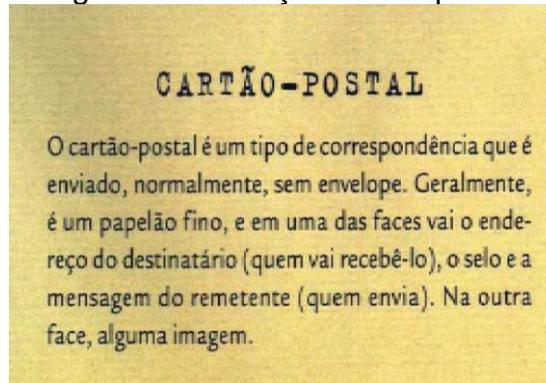
Fonte: Livro Felpo Filva.

Indagar por que Felpo fez essa lista? Aqui é uma lista de afazeres para não esquecer. Saber se alguma criança já fez uma lista parecida.

6.9 Nona semana

Na nona semana, esse trecho deverá ser lido com o auxílio do projetor para que se possa fazer a predição e leitura das imagens. Leitura a partir da página 31 e finalizar na 35. Serão apresentados o cartão postal, suas características e finalidade.

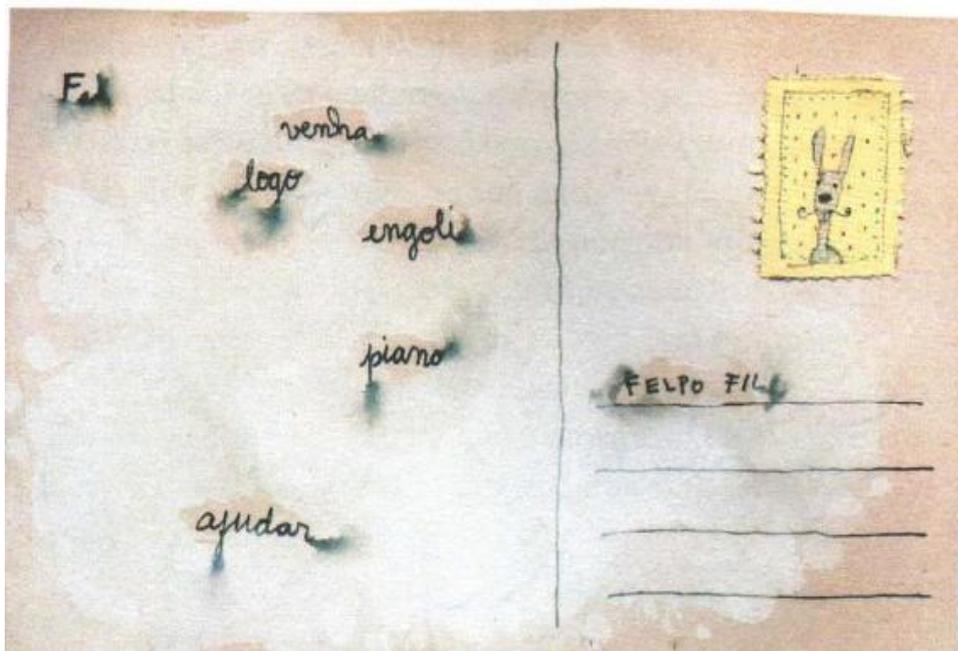
Figura 24: definição cartão postal



Fonte: Livro Felpo Filva, página 49.

As crianças deverão ser instigadas a expressarem o próximo passo de Felpe, observando a importância de uma mensagem clara, tendo cuidado ao escrever pois o outro tem que entender.

Figura 25: Cartão postal



Fonte: Livro Felpe Filva.

Com a leitura deficiente devido estar borrada as crianças deverão tentar adivinhar qual seria a mensagem. Explorar as hipóteses.

No segundo dia de aula, deve-se apresentar o nome completo de Felpe, que está na página 32, e o significado de substantivo próprio e a regra de sua escrita. Será introduzido o uso do travessão para indicar diálogos. A produção de um cartão postal e a imagem, a criança deverá trazer de casa.

Figura 26: O nome completo de Felpo

Correu o mais que pôde. Imaginou que ela devia estar muito engasgada, passando mal, precisando urgentemente da sua ajuda. Ele, Felpo Ruan Rolhas Filva, o poeta, estava lá para salvá-la de um trágico fim!

Fonte: Livro Felpo Filva.

6.10 Décima semana

Na décima semana, será dada continuidade à leitura apresentando a partitura musical na página 36.

Figura 27: Partitura

~ ORELHAS ~

MÚSICA - CHARLÔ PASMATU
LETRA - FELPO FILVA

O-RE-LHA CUR-TA NÃO PRE-CI-SA A-LAN-GRAR

O-RE-LHA LON-GA NÃO PRE-CI-SA EN-CUR-TAR

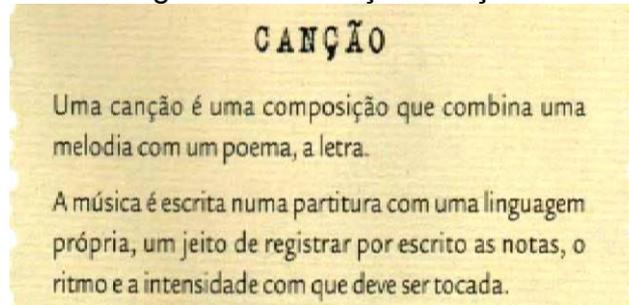
O-RE-LHA RE-TA NÃO PRE-CI-SÁ EN-RO-LAR

O-RE-LHA TOR-TA NÃO PRE-CI-SA ES-TI-CAR O-RE-LHA

Fonte: Livro Felpo Filva

Para compreendê-la é necessário muito conhecimento em música, por ser um gênero técnico. Deve-se indagar se já viram? Quem pode ler esse texto? Por quê?

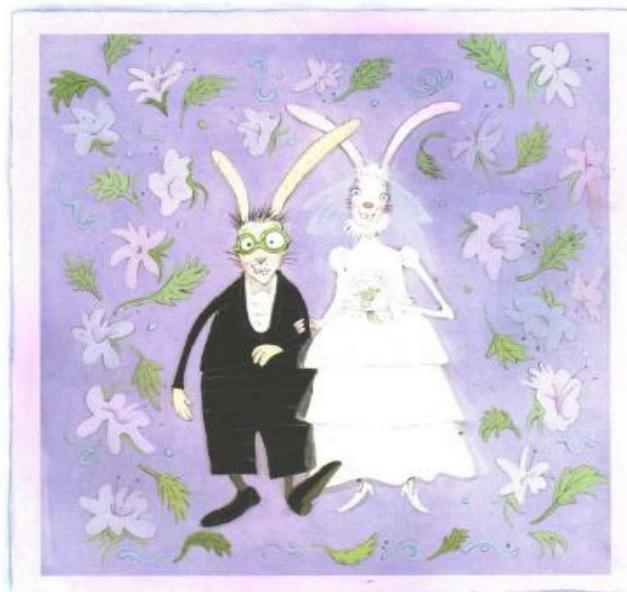
Figura 28: Definição canção



Fonte: Livro Felpo Filva, página 47.

Será apresentada a definição, características e finalidade da canção. A narrativa será concluída com o casamento de Felpo e Charlô. Posteriormente, haverá a sugestão de uma atividade interativa de compreensão textual pelo link <https://wordwall.net/play/14796/679/738>.

Figura 29: O casamento



FIM

37

Fonte: Livro Felpo Filva.

Deve-se explorar no Datashow as próximas páginas da 38 a 57 para se poder analisar a estrutura dos gêneros textuais aqui propostos e explicados com a leitura

do livro. Fazendo uma revisão e propor uma intervenção com o jogo interativo, com questionário de múltiplas escolhas, localizado no endereço <https://wordwall.net/play/20860/212/101>.

Deve-se sugerir o jogo 1 de identificação do propósito comunicativo de alguns gêneros textuais selecionados e dispostos em um jogo interativo de memória, localizado no endereço <https://wordwall.net/play/19260/227/455>. E o segundo jogo da memória com gêneros textuais pertinentes ao 5º ano e que não se encontram dentro do livro Felpe Filva, mas que são estudados e analisados no PNLD- Plano Nacional do Livro Didático adotado pelo estado do Ceará, e que só será possível conforme o desempenho dos alunos no jogo anterior e o conhecimento destes no decorrer do ano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propor conhecer e identificar presencialmente, o propósito comunicativo dos gêneros textuais a partir da literatura infanto-juvenil, com a proposta de uma sequência didática para o quinto ano do ensino fundamental, não foi possível ainda, por conta das constantes dificuldades que aconteceram durante o percurso. Conhecer esta obra da literatura infanto-juvenil, fará com que os alunos possam ter acesso à leitura e a diversidade de gêneros, com isto, vai requerer um hábito cotidiano de leitura, o que nos foi impossibilitado, pelas condições inerentes à pandemia, e pelos percalços pelo qual o mundo passa nos últimos tempos.

Contudo, sabemos que, será muito positivo o uso da literatura infantil na sala do 5º ano do ensino Fundamental. As crianças apresentaram uma segurança, através desta aplicação de sequência didática bem significativa, para assim, desfrutar e transmitir o gosto pela leitura, esta experiência servirá para motivá-los a busca por novos conhecimentos, melhorar a qualidade na construção de textos orais e escritos, o estímulo pela imaginação, o amor pela leitura e o fortalecimento de valores.

Insistimos que esta literatura, constitui um recurso motivador inestimável para a aprendizagem e um prazer que se estende para além do ambiente escolar. A literatura liga as crianças a uma experiência significativa, incorporando gradativamente, os saberes literários no ambiente escolar, bem como também,

facilitadora da comunicação. Poderá fazer com que, as crianças sintam a necessidade de expressarem suas ideias e pensamentos, de forma clara e coerente, a fim de que, seu ponto de vista seja compreendido e aceito.

A partir da Literatura e explorando os gêneros textuais, o que envolverá necessariamente, o desenvolvimento de habilidades linguísticas e o ensino da gramática. Nesse sentido, nosso recurso didático de uso, sentido e forma, centra-se na atividade de linguagem dos gêneros com o raciocínio, que se realiza por meio de textos (como ações de linguagem) e tipos discursivos, para introduzir a reflexão metalinguística.

O trabalho com os gêneros permite, uma obra autônoma sobre oralidade e a escrita, com várias formas de textualidade. Então, mostram-se que as formas de transitar entre oralidade e escrita são diversas. A integração do oral no ensino, além de reforçar o ensino da escrita, se faz possível aproveitar melhor as interações e no serviço do desenvolvimento de habilidades linguísticas dos alunos. Melhorar a compreensão, minimizando o analfabetismo funcional, porque o aluno compreende, sabe por que usar, quando usar e como usar cada gênero textual.

A proposta da Sequência Didática é uma ferramenta satisfatória e se articula em torno de um gênero discursivo, uma vez que este, significa tomar como objeto de aprendizagem as práticas discursivas típicas das diferentes esferas da atividade social. Selecionada a partir das características dos gêneros mais relevantes que os alunos precisam rever e outros a aprender a compor. O modelo SD inclui reflexão sobre como usar de acordo com o tipo de texto, a estrutura e a integração da aprendizagem gramatical e as habilidades linguístico-comunicativas.

Projetos baseados em Sequência Didática, percorrem uma ampla gama educacional e estabelecem, em linhas gerais, o aprendizado, e especificamente nesta pesquisa, no que estaria envolvido nos diferentes tipos de atividades discursivas (tipo de atividade discursiva, gênero e tipo de texto): narrar, descrever, explicar, argumentar ...; determina por meio de quais gêneros discursivos essas aprendizagens podem ser abordadas, progressivamente, e não de forma geral e descontextualizada, mas sim, fazendo uma relação com práticas discursivas concretas.

De acordo com Bakhtin aprender a moldar os discursos de maneira genérica, implica no domínio de formas discursivas inéditas, caracterizadas pela

hipertextualidade e a inter-relação de diferentes linguagens. Isto requer a incorporação dessas novas formas de discurso em uma sequência didática.

Por isto, foi planejada a sequência didática, juntamente com a leitura do livro com intuito de oportunizar a turma do quinto ano, a conhecer, um pouco da literatura brasileira e compreender os gêneros textuais que eles utilizam em seu cotidiano e alguns que não são comumente utilizados nos dias atuais, mais fazendo um paralelo com a atualidade deles, para ofertar de maneira lúdica esse conhecimento.

Esta pesquisa não se encerra aqui, mas nos norteia a aplicabilidade e às próximas, com intervenções específicas, para que possam ser trabalhados a produção e análise dos dados. Será que é possível melhorar a produção textual e conseqüentemente a escrita dos alunos do quinto ano com uma sequência didática com o apoio da literatura infantil.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; Marília Papaléo FICHTNRT; Zília Letícia Goulart RÊGO. **Era Uma Vez... Na Escola. Formando Educadores para Formar Leitores.** Formato, 2001.

AMARAL. Heloísa **Sequência didática e ensino de gêneros textuais.** Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1539/sequencia-didatica-e-ensino-de-generos-textuais> Acesso em 20/jun./2019

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** In: Estética da Criação Verbal. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BHATIA, V. K. **Analysing genre: language use in professional settings.** London: Longman, 1993.

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Currículo na Alfabetização: concepções e princípios.** Ano: 01 - unidade 01. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Primeiro e Segundo Ciclos do ensino Fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília, MEC/ SEF, 1997.

BRASIL. **Projeto de Lei 392/19.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2191059>. Acesso em 20.jun.2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 20/jun./2019

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Tradução de Anna Raquel Machado. São Paulo: Educ, 1999.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. In: DANTAS, V. (Org.) **Bibliografia Antônio Candido- textos de intervenção**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

CADERMATORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. 2a ed. São Paulo: Brasiliense, 2014.

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos (Abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas). In: GALVES, C. & ORLANDI, E. P. & OTANI, P. **O Texto: leitura e escrita**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infanto/juvenil**. São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura & Linguagem: A obra literária e a expressão linguística**. 3ª ed. São Paulo: Quíron, 1980.

COLOMER, Teresa; CAMPS, Anna. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COSTA VAL, M. da G. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1987

DOLZ, J.; NOVERRAZ, N. e SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B. E DOLZ, J. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FISCHER, Steven R. **História da leitura**. Tradução de Cláudia Freire. São Paulo: UNESP, 2006.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. (Org.); coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

FURNARI, Eva. **Felpe Filva**. Editora Moderna, 2008.

GÓES, Lucia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. Ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

GUERIZOLI, Olga. e SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Teoria da Literatura**. v. 2. - Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2012

LACAN, Jacques. **A instância da letra no inconsciente**. São Paulo, Perspectiva, 1978.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais & ensino**. DIONISIO, Ângela Paiva e MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (organização). 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2008.

CEARÁ. Secretaria Estadual de Educação (SEDUC). **Matriz de referência de língua portuguesa - SPAECE-ALFA 2016**.

Disponível em <http://www.spaece.caedufjf.net/wp-content/uploads/2012/07/CE-SPAECE-2016-MATRIZ-LP-2EF.pdf>. Acesso em 20/jun./2019

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. Das Origens ao Romantismo. Vol. I Ed. Cultrix, 2014.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Artmed, 2000.

SARAIVA, Juracy A.; MUGGE, Ernani. **Literatura na escola**: propostas para o ensino fundamental. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura Infantil brasileira**: um guia para professores e promotores de leitura. Goiânia: Cânone, 2009.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy; BRINA, H. & MACHADO, M. Zélia (Org.). **A escolarização da leitura literária**: o jogo do livro infantil e juvenil. 2.ed. Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 2001.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. Brasil, Ática, 2007.

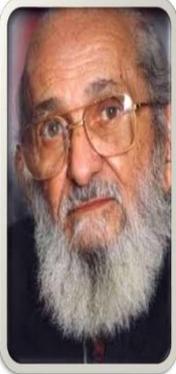
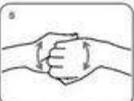
SODRÉ, N.W. **História da Literatura Brasileira**: Seus fundamentos econômicos. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

SWALES, John M. **Genre Analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press.1990.

ZILBERMAN Regina et al. **As pedras e o arco**: fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004

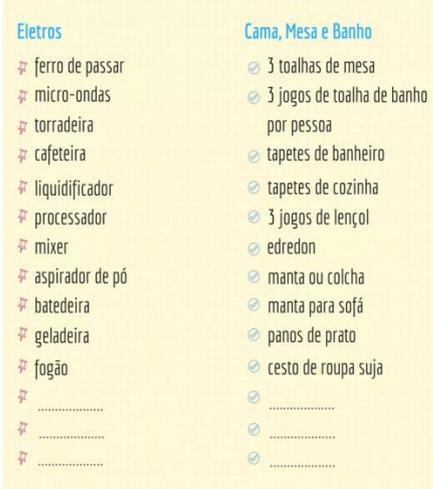
<https://simais.caedufjf.net/wp-content/uploads/2019/06/SIM AIS-2018-RS-WEB.pdf>].

APÊNDICE A- JOGO DA TRINCA DOS GÊNEROS TEXTUAIS

<p style="text-align: center;">Paulo Reglus Neves Freire</p>  <ul style="list-style-type: none"> • Nasceu em 19 de Setembro de 1921 no Recife, Pernambuco. • Em 1943, aos 22 anos, ingressou na Faculdade de Direito do Recife. Ele se formou, mas não chegou a exercer a profissão, preferindo dar aulas de língua portuguesa em uma escola de segundo grau. • No ano de 1946, assumiu a direção do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social de Pernambuco, onde passou a trabalhar com analfabetos. 	<h1>BIOGRAFIA</h1>	<p>Serve para NARRAR A VIDA de uma pessoa.</p>
 <p>Molhe as mãos com água</p>  <p>Cubra as mãos com a espuma do sabão</p>  <p>Estregue bem as palmas</p>  <p>Estregue o dorso com a palma das mãos.</p>  <p>Lave as palmas com os dedos entrelaçados</p>  <p>Estregue a base dos dedos nas palmas das mãos</p>  <p>Limpe o polegar esquerdo com a palma da mão direita e vice-versa</p>  <p>Estregue novamente as palmas das mãos com a ponta dos dedos</p>  <p>Enxague todo o sabão</p>  <p>Enxague as mãos com uma toalha descartável</p>  <p>Use esta mesma toalha para desligar a torneira</p>  <p>Pronto, suas mãos estão completamente limpas!</p>	<h1>TEXTO INSTRUCIONAL</h1>	<p>Serve para DAR INSTRUÇÕES.</p>

<p style="text-align: center;">LEITURA INFORMATIVA</p> <p>ESTE BICHINHO SE CHAMA CARACOL. ELE TEM O CORPO MOLE, NORMALMENTE COBERTO POR UMA CONCHA EM ESPIRAL. NA CABEÇA, POSSUI TENTÁCULOS, BOCA E DENTES MINÚSCULOS. OS OLHOS FICAM NA PONTA DOS DOIS TENTÁCULOS SUPERIORES. O CARACOL VIVE EM LUGARES ÚMIDOS, COMO: QUINTAIS, JARDINS E HORTAS. ELE SE ALIMENTA DE VEGETAIS.</p> <p style="text-align: right;"><small>Enciclopédia Delta Universal, vol. 3</small></p> 	<p>TEXTO INFORMATIVO</p>	<p>Serve para INFORMAR sobre algo, sobre determinado assunto.</p>
	<p>CONTO</p>	<p>Serve para CONTAR uma história.</p>

<p>O burro, a raposa e o leão</p> <p>O Burro e a Raposa acordaram proteger-se mutuamente e foram juntos para a floresta em busca de comida. Mal tinham começado a caminhada quando encontraram um Leão. Perante este perigo, a Raposa aproximou-se do Leão e propôs-lhe:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se me poupare, ajudo-te a caçares o Burro sem grande esforço. <p>O Leão aceitou a troca. Satisfeita, a Raposa voltou para junto do Burro e tranquilizou-o:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não tenhas receio porque o Leão prometeu que não nos fará mal. <p>O Burro acreditou no que ela disse e continuou a pastar despreocupadamente. Mas, a pouco e pouco, a Raposa conduziu-o para a beira de uma ravina e provocou a sua queda.</p> <p>Vendo que o Burro já não podia fugir-lhe, o Leão atirou-se à raposa e comeu-a.</p> <p>Moral da história: Não confies nos teus inimigos.</p>  <p><i>Fábulas de Esopo</i></p>	<p>FÁBULA</p>	<p>Serve para TRANSMITIR ENSINAMENTOS (Moral).</p>
<p>(local e data) Porto, 24 de dezembro de 2009</p> <p>Olá, primo Ricardo! (saudação inicial)</p> <p>Espero que esta carta te vá encontrar de plena saúde. Por aqui estamos todos bem e as coisas vão andando! (introdução)</p> <p>Estou a escrever-te para saber onde vais passar o teu Natal. Era tão bom que fosse como no ano passado! Não achas? Adorei o Natal em casa da avó, pois estávamos todos juntos e foi muito divertido. Fizemos cada brincadeira! Esperemos que se repita! (desenvolvimento)</p> <p>Fala com os teus pais e mal saibas onde passas o teu Natal, diz qualquer coisa.</p> <p>Fica bem e até breve...espero eu! (conclusão)</p> <p>Um abraço (fórmula de despedida)</p> <p>João (assinatura)</p> <p>P.S. – Já agora...o que queres receber este Natal?</p>	<p>CARTA</p>	<p>Serve para COMUNICAR-SE com alguém que está distante.</p>

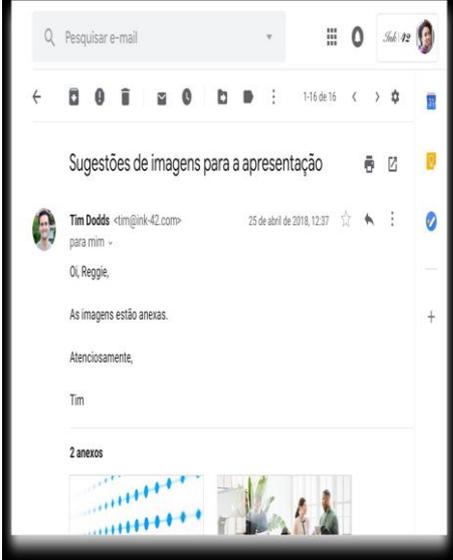
	<h1>NOTÍCIA</h1>	<p>Serve para CONTAR um fato real.</p>
	<h1>LISTA</h1>	<p>É uma sequência de itens que pode ter muitas finalidades: anotar nomes, lembretes, tarefas, compras etc. Ajuda a organização, o estudo, a comunicação, a memória.</p>

	<h1>CARTÃO POSTAL</h1>	<p>É uma correspondência enviada normalmente sem envelope. Em formato de um cartão. De um lado tem uma imagem e no outro uma mensagem.</p>
<p>Meu nome é Emilly Cristina Ramos Jacinto, nasci no dia 23 de julho de 2008, na Santa Casa de Aparecida.</p> <p>Sou filha de Luís Michel e Carmen Cristina, que trabalham como ajudante geral. Tenho 2 irmãos que se chamam Ana Flávia e Pedro Luís.</p> <p>Quando fiz 1 ano comecei a falar e andar e depois frequentei a Creche Thereza de Jesus Trannin Pasin.</p> <p>Com 5 anos eu me formei na Educação infantil, na Escola Odila de Souza Oliveira onde estudo até hoje.</p> <p>Na escola eu gosto de estudar e falar com minhas amigas e em casa eu gosto de ver vídeos na internet.</p> <p>Quando eu crescer eu quero ser dançarina ou cantora.</p>	<h1>AUTOBIOGRAFIA</h1>	<p>Serve para</p> <h1>NARRAR A MINHA VIDA.</h1>

 <p>Torta de Banana da Maria de Fátima</p> <p>Ingredientes</p> <ul style="list-style-type: none"> - 3 xícaras de farinha de trigo - 2 xícaras de açúcar - 2 colheres de sopa bem cheias de margarina - 1 xícara de leite frio - 1 colher de sopa de fermento - Bananas fatiadas para cobrir - Canela a gosto <p>Modo de Preparo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mexer muito bem a farinha de trigo, o açúcar e a margarina na mão ou na batedeira. Acrescentar o leite até chegar ao ponto - Depois de todos os ingredientes misturados, acrescentar o fermento. - Deixar a massa descansando enquanto descasca e fatia as bananas - Colocar toda a massa na assadeira - Cobrir com as rodela de banana - Jogar por cima açúcar misturado com canela em pó <p>Tem criança na cozinha</p> <p>Globo Receita enviada pelo público.</p>	<p>RECEITA</p>	<p>Explica como se deve fazer um alimento.</p>
 <p>Meu Diário Mágico</p> <p>COM CANTO LÁPIS!</p> <p>SE VOCÊ PODE VER OS SEUS SENTIDOS</p>	<p>DIÁRIO</p>	<p>É pessoal, Conta fatos ocorridos no cotidiano.</p>

	<h1>LENDA</h1>	<p>É um texto Narrativo Passado de geração para geração e contada como se fosse verdade.</p>
	<h1>ENTREVISTA</h1>	<p>É um tipo de texto interativo com perguntas e respostas. Serve para Tornar público Ideias ou Opiniões.</p>

<p style="text-align: center;"><i>Flor amarela</i></p> <p>Atrás daquela montanha tem uma flor amarela; dentro da flor amarela, o menino que você era.</p> <p>Porém, se atrás daquela montanha não houver a tal flor amarela, o importante é acreditar que atrás de outra montanha tenha uma flor amarela com o menino que você era guardado dentro dela.</p> <p>(Em: <i>Poemas reunidos</i>. Rio de Janeiro: Record, 1999.)</p>	<h1>POEMA</h1>	<p>Tem estrofes, Versos e rima. Serve para Emocionar, Sensibilizar o leitor.</p>
<p>Paulinha, Amanhã não vou para a escola porque vou viajar para visitar minha avó que está doente. Avise a professora Clarice, por favor. Obrigada Juliana 12/03/2013</p> <p style="text-align: right; color: red; font-weight: bold;">1</p>	<h1>BILHETE</h1>	<p>É um texto curto que transmite uma mensagem de aviso. Serve para dar um recado.</p>

 <p>Chá de bebê do Sérgio Augusto 30 Novembro Segunda 15:30 Buffet Espaço Florescer Eventos Rua Eduardo de Souza Aranha, 2230 Vila Nova Conceição Ribeirão Preto - SP <i>Te espero lá!</i></p>	<p>CONVITE</p>	<p>Serve para convidar para um evento.</p>
 <p>Pesquisar e-mail</p> <p>Sugestões de imagens para a apresentação</p> <p>Tim Dodds <tim@ink-42.com> para mim - 25 de abril de 2018, 12:37</p> <p>Oi, Reggie,</p> <p>As imagens estão anexas.</p> <p>Atenciosamente,</p> <p>Tim</p> <p>2 anexos</p>	<p>E-MAIL</p>	<p>É um gênero eletrônico escrito semelhante ao bilhete e a carta.</p>

 <p>COMPRO MÓVEIS De residência ou escritório. PAGO À VISTA 3417-2648 / 99978-1821</p>	<p>ANUNCIO</p>	<p>Serve para vender ou comprar algo.</p>
 <p>É HORA DE VACINAR CAMPANHA DE VACINAÇÃO CONTRA A POLIOMIELITE E O SARAMPO</p> <p>DE 6 A 31 DE AGOSTO</p> <p>NA POLICLÍNICA MUNICIPAL, DAS 8 ÀS 17H, E NO PSF CÔRREGO PEREIRA, DAS 7H30 ÀS 11H.</p> <p>DIA D DE VACINAÇÃO: 18 DE AGOSTO, DAS 8 ÀS 16H. Na Policlínica Municipal e nos postos de saúde Central, Vila Caetano, Bandeirinha e Côrrego Pereira</p> <p>PÚBLICO-ALVO: Crianças de 1 a 4 anos, 11 meses e 29 dias. NÃO SE ESQUEÇA DE LEVAR O CARTÃO DE VACINAÇÃO.</p> <p>Conceição DO MATO DENTRO UNIDADE DE SAÚDE PÚBLICA JUNTOS POR UM BOM TEMPO</p>	<p>CARTAZ</p>	<p>São textos breves Que servem para promover um produto, evento ou campanha.</p>

<p>O que é, o que é? Ele é magro pra chuchu, tem dentes mas nunca come e mesmo sem ter dinheiro, dá comida a quem tem fome? Resposta: o garfo</p>	<p>ADIVINHA</p>	<p>São perguntas em formato de charadas desafiadoras que fazem as pessoas pensar e se divertir.</p>
---	------------------------	---